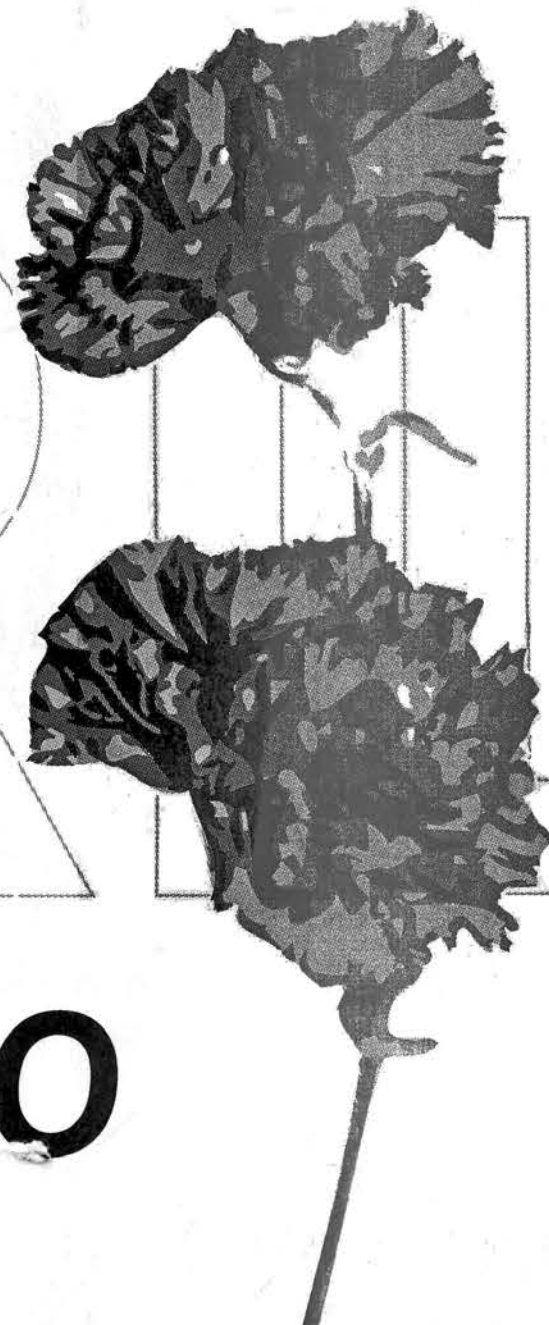


VIVER
ABRIL

VIVER
ABRIL
PÁGINAS DO DIA
DA REVOLUÇÃO



«SEARA NOVA» N.º 1543

A sair em 15 de 1974

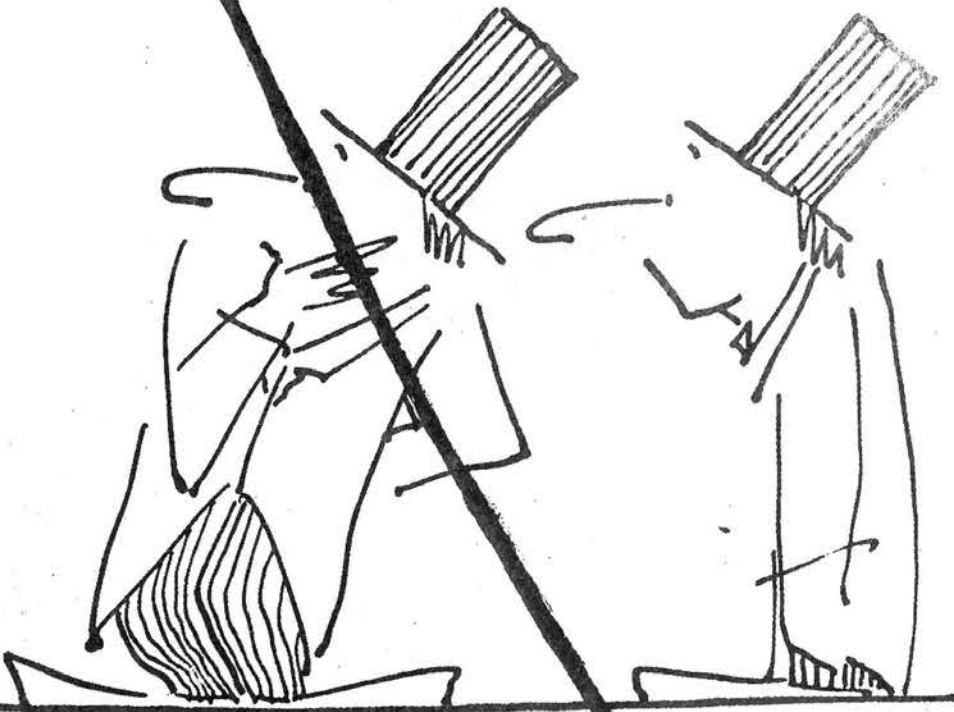
Provas enviadas a Exame Prévio em 10 de 4 de 74

SP
10/5/74

EXAME PREVIO
PROIBIDO
COMISSÃO DE LISBOA

DEIXA LA'... OS OUTROS
364 DIAS SÃO NOSSOS!

1.º
MAIO



July

ECLODIU DE MADRUGADA EM LISBOA

UM MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO MILITAR

(CONTINUADO DA 1.ª PAGINA)

Uma onda de emoção avassalou a meio da madrugada o país, fazendo gravitar na capital o seu eixo dominante: ao mesmo tempo que era difundido através do Rádio Clube Português um comunicado cuja responsabilidade se atribuía ao «comando do Movimento das Forças Armadas» produzia-se em diversos pontos de Lisboa insólita deslocação de carros militares transportando elementos de diversas unidades.

Depressa se associou o teor do comunicado a essas operações que tinham por cenário a zona do Terreiro do Paço e a totalidade dos lugares imediatamente vizinhos da sede do Quartel-General, em particular na Avenida António Augusto de Aguiar e Rua Marquês da Fronteira. Às 6 horas, porque grande parte da população lisboeta começara progressivamente a ouvir, através da citada estação, o teor do comunicado a que aludimos, ficou-se com a nítida impressão de que os acontecimentos prometiam ultrapassar uma simples ocorrência vaga e imprecisa.

Na Avenida António Augusto de Aguiar e outras artérias de acesso à zona do Quartel-General elementos das forças militarizadas obrigavam a deter-se as viaturas dos transportes colectivos e carros particulares, os quais eram forçados a recuar. Muitos dos passageiros dos autocarros, temendo atrasos por causa das suas ocupações, apeavam-se e procuravam soluções elementares caminhando rapidamente a pé em direcção ao centro da cidade.

Na Avenida Fontes Pereira de Melo, postavam-se, entretanto, ainda que muito isoladamente, outros elementos das forças, mas o trânsito automóvel e de peões era normal, quadro que se acentuava, depois, na Avenida da Liberdade, Restauradores, Rossio, Chiado e Cais do Sodré, quando as pessoas dirigiam-se tranquilamente para os seus empregos.

Entretanto, ao largo do Tejo e em frente ao Terreiro do Paço achava-se ancorado um navio da armada de guerra. Outras unidades encontravam-se em movimento ao longo do rio, mormente por alturas de Belém.

* P. S. P., G. N. R., D. G. S. e L. P. ACONSELHADAS A NÃO TOMAREM INICIATIVAS

O mesmo texto continha alusões também muito significativas aos propósitos firmes de que se encontravam animados os mentores e intérpretes das acções em referência, os quais se confessavam perfeitamente conscientes de interpretarem os verdadeiros sentimentos da Nação. Ao mesmo tempo, dirigiam energias e firmes advertências às Forças da P. S. P., da G. N. R., da D. G. S. e da Legião Portuguesa, aconselhando-as a não tomarem quaisquer iniciativas susceptíveis de conduzirem a situações inutilmente violentas. Afirmavam, ainda, que seriam severamente responsabilizados os elementos que tentassem levar os seus

de de oposição e, por outro lado, aconselhavam calma à população, que deveria recolher a suas casas. Faziam igualmente um apelo junto de médicos e enfermeiros para que em caso de necessidade não hesitassem em acudir aos hospitais para prestarem a sua ajuda, naquele momento, rezava o comunicado, tida como não sendo desejada por não ser intenção do movimento fazer deliberadamente correr sangue entre os portugueses. A possível oposição de forças militarizadas solidárias com o Governo seria, segundo o mesmo comunicado, considerada delito grave. Assim, prosseguia o mesmo comunicado, todas as forças deveriam manter-se nos respectivos quartéis, aguardando ordens.

Transmitido em curtos intervalos, o comunicado traduzia um apelo ao bom senso.

Em Rádio Clube Portugues, a emissão prosseguia, entretanto, com a transmissão de

<TUDO DECORRE DENTRO DO PREVISTO>

Pouco depois das 13 horas, ouviu-se o seguinte comunicado radiodifundido: «O Movimento das Forças Armadas informa os familiares, que todos os seus elementos se encontram bem e tudo decorre dentro do previsto».

marchas militares inicialmente, música solene e, por último, música regional portuguesa.

PRIMEIRO COMUNICADO

O primeiro comunicado do movimento foi difundido de meia em meia hora pelos emissores do R. C. P., entre as quatro e as oito horas, altura em que começou a ter transmitido outro. Tinha o seguinte teor:

«Aqui, posto do comando do Movimento das Forças Armadas. Informa-se a população de que, no sentido de evitar todo e qualquer incidente, ainda que involuntário, deverá recolher a suas casas mantendo absoluta calma. A todas as forças militarizadas, nomeadamente às forças da Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública e ainda as forças da Direcção-Geral de Segurança e Legião Portuguesa, que abusivamente foram recrutadas, lembra-se o seu dever cívico de contribuir para a manutenção da ordem pública, o que, na presente situação, só poderá ser alcançado se não for oposta qualquer reacção às Forças Armadas. Toda a reacção nada teria de vantajosa, pois apenas conduziria a um indesejável derramamento de sangue que em nada contribuiria para a união de todos os portugueses. Embora estando orientes do civismo e do bom senso dos portugueses, no sentido de evitar todo e qualquer recontro armado, apelamos para que os médicos e pessoal de enfermagem se apresentem nos hospitais para uma colaboração que faremos votos seja desnecessária. Viva Portugal!».

SEGUNDO COMUNICADO

As 9 horas, novo comunicado, este mais breve, como haviam começado a ser os imediatamente anteriores. O Comando uma vez mais apelava para o bom senso das forças militarizadas e, explicando os seus objectivos, aludia aos propósitos de tentar evitar um inútil derramamento de sangue, mas sem que deixasse de mentalizar-se para, caso necessário, responder enrgicamente a quaisquer reacções pela força.

O comunicado terminava também com um «Viva Portugal!». Eis o seu teor: «Conforme tem sido anunciado, as Forças Armadas desencadearam uma série de acções com vista à libertação do país do regime que há longo tempo o dominava. Nas suas comunicações as Forças Armadas têm apelado para a não intervenção das forças policiais com o objectivo de se evitar derramamento de sangue. Embora este desejo se mantenha firme, não se evitará responder decidida e implacavelmente a qualquer oposição que se venha a manifestar. Consciente de que interpreta os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá a sua acção libertadora e pede à população que se mantenha calma e recolha às suas residências».



Às 7,15 da manhã de hoje, blindados tomaram posições na Avenida dos Aliados, tendo sido voltado um canhão para o edifício da Câmara Municipal do Porto. Pouco depois, retirou-se.

DEPOIS DE UM DESPERTAR PERFEITAMENTE CALMO

SÓ A RÁDIO E O MOVIMENTO DE TROPAS DAVAM A NOVIDADE À CIDADE DO PORTO

• Forças militares em todos os pontos estratégicos

No Porto, a aparência calma da maioria das artérias não dava, ao princípio da manhã, qualquer nota de anormalidade. As pessoas encaminhavam-se para os empregos, não notando, sequer, uma relativa ausência de Polícia nas ruas. A verdade é que, embora os agentes reguladores do trânsito (sinaleiros) ocupavam as suas posições normais, os chamados agentes de giro não se viam tanto na sua função de patrulhamento.

No entanto, aqueles que tinham a sua actividade profissional junto do centro, ou que precisassem de passar pela baixa, apercebiam-se, imediatamente, de uma situação insólita. Na Avenida dos Aliados e

na Praça do Município, blindados do Regimento de Cavalaria n.º 6 tomavam posições, apenas regressando ao quartel cerca das 9 horas e meia. E, a pouco e pouco, todo o Porto, ainda que sem interferir nos acontecimentos, tomava deles conhecimento: passadas as informações de boca em boca, pessoalmente ou através do telefone; ouvidas através do Rádio Clube Português e de outros postos emissores, que, de tempos a tempos, transmitiam o comunicado do «Movimento das Forças Armadas».

ACESSOS À CIDADE RIGOROSAMENTE CONTROLADOS

As pontes rodoviárias mantinham-se abertas ao tráfego — mas vigiadas. Na de D. Luis, em cada extremo, patrulhas de 12 homens, comandadas por um capitão, todos com fatos de combate, controlavam a situação; e na da Arrábida, bem como nos seus acessos, militares mantinham discreta vigilância, vigilância que era bem patente no morro da Serra do Pilar, onde se encontra aquartelado o Regimento de Artilharia Pesada n.º 2.

Quanto às restantes unidades da cidade, mantinham-se dentro dos aquartelamentos e de rigorosa prevenção, prontas a sair à primeira ordem dimanada do Quartel-General. Contactados os oficiais de dia, todos afirmavam não poder fornecer quaisquer informações e pediam que esperassem um comunicado militar, que poderia surgir de um momento para o outro.

FECHARAM ALGUNS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO

Foi através do comunicado transmitido pela Rádio que nos estabelecimentos de ensino se tomou conhecimento do movimento militar. Nas diversas faculdades, poucas aulas funcionaram, embora não houvesse uma ordem concreta para que fossem suspensas. Os alunos mantiveram-se, todavia, nos edifícios ou imediações, de ouvido colado aos receptores transistorizados. Na Faculdade de Engenharia, foi afixado um

cartaz anunciando o golpe de Estado.

Entretanto, em dois liceus, as aulas foram suspensas e mandados para casa os professores e alunos. Foi o caso do D. Maria de que a vida se processaria normalmente. Também a Direcção Escolar do Porto não deu qualquer ordem no sentido de serem suspensas as aulas.

CORTE DE ENERGIA REMETE A SILÊNCIO O EMISSOR DE MIRAMAR

Devido à ocupação, pelas forças revolucionárias, do Rádio Clube Português, que a cada passo transmitia uma comunicação a dar conta dos acontecimentos e a aconselhar a calma à população, aquele emissor passou a ser escutado, como é natural, em toda a região norte-nha, dada a avidez de notícias.

Pouco depois das 10 horas, porém, o programa do Porto deixou de ser ouvido ao que se deveu a um corte de corrente feito pela CHENOP. Assim, a captação do programa de Lisboa, só começou a ser possível pela frequência modulada. Ao fim da manhã, o movimento militar era considerado como situação de perfeita normalidade. Nas ruas, pessoas — muitas delas de «transistor» encostado ao ouvido — apenas pretendiam saber, no domínio do concreto, se o golpe de Estado podia considerar-se definitivamente vitorioso ou se havia ainda, focos resistentes. Expectativa calma.

deixou de ser ouvido ao que se deveu a um corte de corrente feito pela CHENOP.

Assim, a captação do programa de Lisboa, só começou a ser possível pela frequência modulada.

Devido à ocupação, pelas forças revolucionárias, do Rádio Clube Português, que a cada passo transmitia uma comunicação a dar conta dos acontecimentos e a aconselhar a calma à população, aquele emissor passou a ser escutado, como é natural, em toda a região norte-nha, dada a avidez de notícias. Pouco depois das 10 horas, porém, o programa do Porto deixou de ser ouvido ao que se deveu a um corte de corrente feito pela CHENOP.

OURIVESARIAS FECHADAS

Em face dos acontecimentos, muitos estabelecimentos comerciais do Porto, começaram a encerrar ao público as suas portas, como medida preventiva. Saliente-se em especial o ramo de ourivesaria, que, tacitamente aderiu às medidas de precaução.

SITUAÇÃO TRANQUILA EM LAMEGO

Entretanto, em Lamego, cidade que conta com importantes centros de instrução especial, a situação era perfeitamente calma, ao princípio da manhã. A população de nada sabia, nem podia entendê-lo, dada a absoluta ausência de movimento de tropas. Cerca das 8 horas e meia, contactámos com o oficial de dia do Regimento de Infantaria n.º 9, que, quando lhe perguntamos se a unidade estava ao lado da Junta Militar, nos respondeu: «Essa informação deve ser solicitada ao Quartel-General do Porto. Não estou autorizado a revelar o que quer que seja. Alguém aí nessa cidade dirá alguma coisa à Imprensa».

COLONAS DO R. A. P. 3 (FIGUEIRA DA FOZ) CHEGARAM A LEIRIA ÀS 8 DA MANHÃ

Cerca das 5 horas e meia da manhã saíram do respectivo quartel, na Figueira da Foz, várias colunas do Regimento de Artilharia Pesada 3. As forças tomaram a estrada de Leiria, sendo a sua passagem assinalada em Marinha das Ondas cerca das 6 horas.

A chegada a Leiria verificou-se às 8 horas. Mas nesta cidade terá havido uma saída de tropas do R. A. L. 4 e do R. L. 7, ignorando-se, de momento, se para interceptar as forças do R. A. P. 3 ou reuniram-se a elas.

«Estamos a fazer o policiamento normal» — disse o coronel Santos Júnior

No Comando Distrital da P. S. P., esta manhã, nada parecia sobre os acontecimentos. Aparentemente, o mesmo dispositivo de segurança.

Quando conseguimos entrar à fala com o sr. coronel Santos Júnior, que, no seu gabinete, se mantinha ininterruptamente em contacto telefónico, o comandante da corporação disse-nos:

«Estamos a fazer o policiamento normal. Há calma nas ruas».

E não nos disse mais nada. As esquadras mantinham-se abertas, não dando o menor indício do que se passava.

Rotina nos hospitais

Os hospitais da cidade, contactados por nós, declararam que não mobilizaram qualquer pessoal para além do do costume.

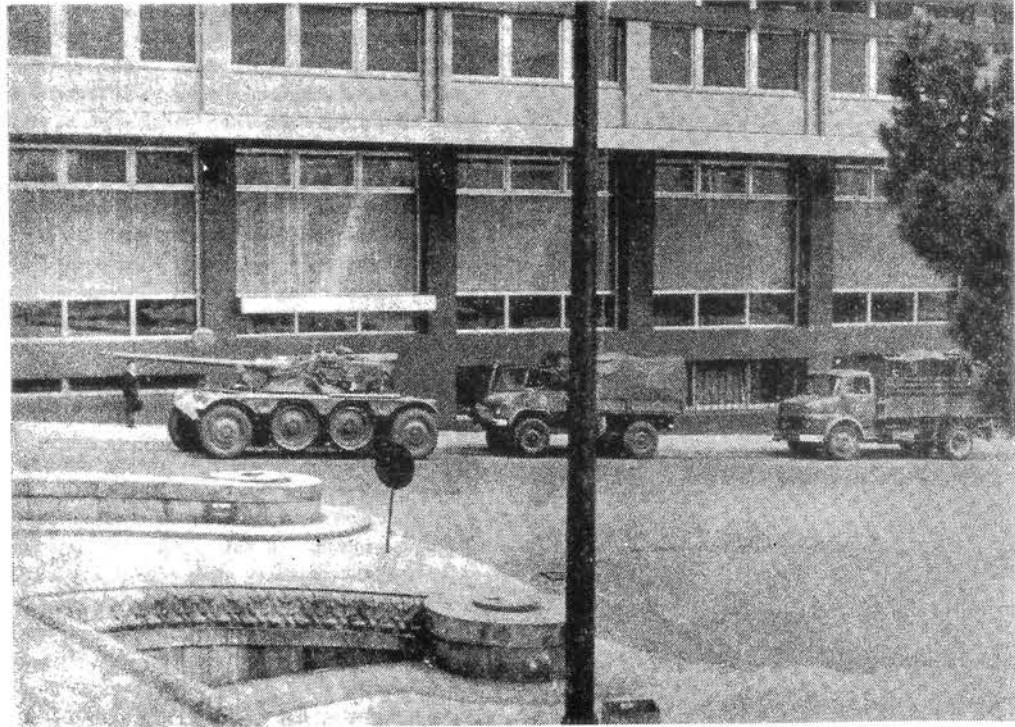
Tudo lá continua a correr normalmente e não receberam quaisquer ordens no sentido de alterar a rotina.

«TENHO TRABALHADO NO DESPACHO DE EXPEDIENTE» — AFIRMOU DE MANHÃ O PRESIDENTE DA CÂMARA

Na Câmara Municipal do Porto, onde estivemos cerca do meio-dia, o movimento processa-se com toda a regularidade.

Recebidos pelo respectivo presidente, sr. eng.º Casconede que não tinha sido recebida de Lisboa qualquer comunicação relacionada com os acontecimentos.

Quanto ao ambiente naquele Município, disse-nos: «Pelos factos que desempenhamos, tudo decorre normalmente. Não há qualquer problema. E porque a situação é normal tenho trabalhado, durante toda a manhã, no despacho do expediente».



Junto do Palácio dos Correios do Porto, o aparato militar estava reduzido a uma auto-metralhadora Panhard, a um «Unimog» e a um canhão



Forças do R. C. 6 concentradas nas imediações da Câmara Municipal do Porto

A EVOLUÇÃO DOS ACONTECIMENTOS

AEROPORTOS ENCERRADOS DESDE O INÍCIO DA MANHÃ

Por ordem da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, distribuída ao princípio da manhã, todos os aeroportos civis e militares foram declarados fechados.

As carreiras internacionais com rota por Portugal foram avisadas dos cancelamentos durante a madrugada, sendo obrigadas as carreiras de rotas em curso a desviar os seus voos para os aeródromos mais próximos, Madrid, Canárias, etc. Em «telex» de serviço inter-

no, a TAP telegrafou para os aeródromos nacionais: «Devido situação anormal, serviços atrasados».

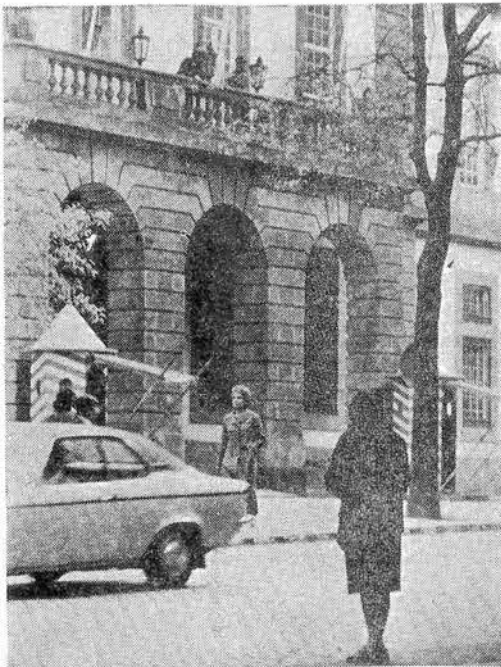
Em Pedras Rubras, além dos

voos internacionais da «VARIG» e da «BA», que viram os seus voos cancelados, um cargueiro inglês encontrava-se retido naquele aeroporto.

OS GENERAIS ANTÓNIO DE SPÍNOLA E COSTA GOMES À FRENTE DO MOVIMENTO

Por razões fáceis de compreender, a conjuntura não é propícia a um esclarecimento fundo das circunstâncias em que têm vindo a desenrolar-se os dramáticos acontecimentos cujo epicentro tem estado, pelo menos no domínio do aparente, localizado no Terreiro do Paço.

Entretanto, podemos adiantar que à frente do comando do Movimento das Forças Armadas autor do golpe encontram-se os srs. generais António de Spínola e Costa Gomes. Está em causa uma versão que põmos a correr de acordo com aquilo que nos deram a entender alguns oficiais do Movimento.



No Quartel-General, a porta de armas fechou-se. Nas varandas, observavam-se soldados armados. Ninguém ainda sabia ao certo o que se passava. Estrategicamente colocados, os militares estavam atentos. O movimento dos transeuntes fazia-se com normalidade.

As forças de Vila Real permaneceram nos quartéis

Desde a madrugada que o regimento de infantaria n.º 13, a G.N.R. e a P.S.P. de Vila

Real estão de prevenção rigorosa, com os portões fechados e as maiores medidas de segurança. A P. S. P. e G. N. R. receberam ordens das autoridades que nelas superintendem para permanecer nos aquartelamentos e defender intransigentemente as respectivas instalações. Segundo informação recebida, o regimento recebeu também ordem do Porto, mas por canais que não os normais, para marchar para aquela cidade. Ignora-se a origem exacta da ordem, mas o comando do regimento decidiu que as suas tropas permanecessem no quartel.

CALDAS DA RAINHA

Às 9,45 não se presentiam sintomas de anormalidade. O movimento na cidade era normal, não havia alterações, nem forças policiais na rua. O comércio mantinha-se aberto. No quartel a situação era igualmente calma.

TRANSFORMADA GRADUALMENTE A FISIONOMIA DE LISBOA

Manhã marcada por uma sucessão de acontecimentos que, gradualmente, foram transformando a fisionomia lisboeta. As ruas da «Baixa» foram acusando os ditames da ocorrência. Sensivelmente menos gente do que em tempos normais. Bancos e companhias de seguros fecharam as suas portas. Tropas e carros de assalto mantinham-se nas ruas do Comércio, do Ouro e do Arsenal.

Forças da G. N. R., com capacetes, tomaram posições na Rua de Joaquim Bonifácio e no cruzamento da Avenida Fontes Pereira de Melo com a Avenida António Augusto de Aguiar. Neste também estacionaram forças da P. S. P. com capacetes. Junto ao quartel do Regimento de Artilharia Leveira

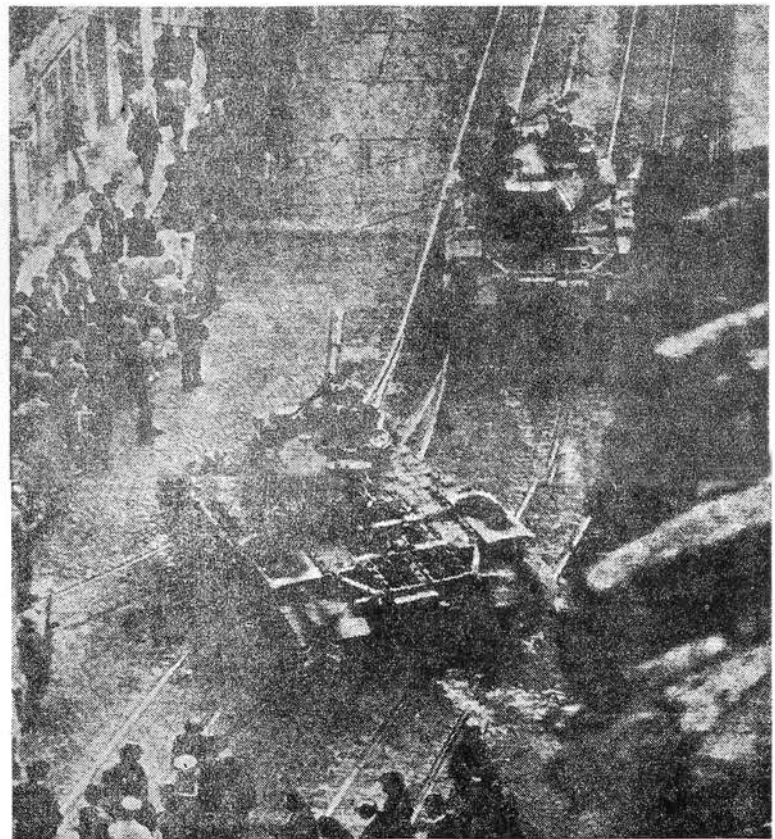
Cerca das 11 horas, em novo comunicado difundido através do Rádio Clube Português, o Comando das Forças Armadas lembrou que, a despeito das recomendações feitas desde a primeira hora, a população civil continuava a não acatar as indicações no sentido de se manter em casa afim de evitar ser surpreendido por eventuais factos melindrosos.

Vedados por completo os acessos ao aeroporto

Os acessos ao aeroporto foram igualmente vedados por completo. Estavam ali concentradas forças do Exército de um destacamento, de «Mafra», formando barragens com viatu-

depois era já necessário optar por outros trajectos, pois começaram a por-se em prática na área do quartel severas restrições à circulação. Ficaram ali duas viaturas pesadas do Exército postadas na faixa de rodagem. Logo, uma grande aglomeração de veículos particulares se produziu no local.

Seguindo pela estrada velha, onde o trânsito era naturalmente bastante intenso mas sem intervenção das forças militares, notamos rigorosas medidas de segurança no quartel de Sacavem, e mais adiante no quartel da Marinha, em Vila Franca de Xira. Em Alverca, Sacavem e Vila Franca de Xira a maioria dos estabelecimentos estava aberta e as vendas faziam-se normalmente embora as pes-



Tanques M-52 (Patton) tomam posição nas ruas do centro da capital. A telefoto revela ainda expressamente, a expectativa da população.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

Subitamente na madrugada, o Rádio Clube Português (que transmitia um programa do «Porto de Nau», em Lisboa) passou a transmitir marchas militares e, por volta das 4 horas da manhã, surgiu o primeiro comunicado, que reproduzimos noutro local. Aquela emissora passava a ser o veículo utilizado pelo Comando do Movimento das Forças Armadas para se dirigir ao país.

Os apelos à calma da população e à não intervenção das forças militarizadas — G.N.R., P.S.P., D.G.S. e Legião Portuguesa — passaram a ser emitidos com uma frequência certa: de meia em meia hora. Nos intervalos, música de Zé Afonso, Luís Cilla, José Mário Branco e Amália, que cantava fados que falavam do povo e o exaltavam «fraternalmente», «alencando» de «ação libertadora» e reforçando o pedido à população para que se mantivesse calma e recolhesse às suas residências.

Quanto aos outros postos emissores, nada se ouvia. Por volta das 10 horas, a Emissora Nacional começou a transmitir música portuguesa, programa esse que a ocupou até cerca do meio-dia. O mesmo sucedia com a Rádio Renascença.

No ar música da Emissora Nacional e Rádio Renascença, enquanto que o R.C.P. continuava a manter contacto com os seus ouvintes através da frequência modulada.

BANCOS ENCERRADOS A PARTIR DAS 10 HORAS

Com excepção do Banco de Fomento Nacional, que não chegou a abrir, os restantes estabelecimentos bancários da cidade do Porto iniciaram normalmente as suas actividades à hora habitual. Cerca das 10 horas, porém, todos eles foram encerrados e os respectivos funcionários aconselhados a regressarem a suas casas.

TIROS DISPARADOS NA «BAIXA» LISBOETA

Em declarações à nossa reportagem, que desde a madrugada mantém, em Lisboa, a cobertura do movimento militar, nas principais zonas sensíveis, um oficial superior das forças do referido movimento afirmou, a propósito do desaparecimento dos membros do Governo, que os soldados da escolta fiel haviam sido obrigados a abrir um buraco, através do qual aquelas individualidades conseguiram alcançar as instalações do Ministério da Marinha.

Logo após esta informação, um grupo de oficiais, que sabemos pertencerem à especialidade de «rangiers», tentaram encontrar os ministros desaparecidos. A operação, todavia, não resultou e, passados cerca de 15 minutos, regressaram à Praça do Comércio (defronte do edifício do Ministério do Exército).

As 10,15, o mesmo porta-voz do movimento com quem nos avistamos esclareceu que, apenas próximo do Cais do Sodré, havia dois carros de combate (pertencentes a Cavalaria 7), aparentemente dispostos a intervir contra os revoltosos. Acrescentou aquele oficial que comandava esse reduzido grupo de combate pesado um brigadeiro, talvez disposto a abrir fogo.

Ao que nos foi dito, aqueles dois carros de combate seriam os únicos das forças armadas de Lisboa ainda em posição de atacar as forças de ocupação da Praça do Comércio. Todas as armas de Cava-

laria da Região Militar de Lisboa estariam integradas nos efectivos do movimento.

PRAÇA DO COMÉRCIO — zona militar

A Praça do Comércio, que apresentou, durante toda a manhã, uma fisionomia bélica com numerosos carros de combate (entre outros, dos modelos «Daimler» e «Panhard») terá sido a zona da cidade com mais importância militar.

Em todas as esquinas e ao longo das arcadas, pelotões e secções do movimento estacionavam com armas ligeiras prontas a disparar e não deixavam transitar populares. Aliás, nem todos os jornalistas que pouco a pouco ali acorreram tiveram acesso à Praça do Comércio.

Demonstrando excelente disposição física e moral, os militares — apesar de vigilantes — conversavam à vontade uns com os outros e seus superiores, bem como cerca de cinco jornalistas (entre os quais dois do «JN») ali em serviço. Passavam das 9 e 30, quando lhes foram distribuídos mantimentos (tipo ração de combate).

Quem nesse momento se encontrava na zona da «baixa», ouviu, entretanto (passava já das 10 horas), alguns tiros de armas ligeiras, provenientes, talvez, de disparos feitos nas imediações da Praça do Comércio.

COMUNICAÇÕES RODOVIÁRIAS E FERROVIÁRIAS NA NORMALIDADE

Pelo que pudemos apurar, as comunicações rodoviárias e ferroviárias de todo o país não foram afectadas pelo golpe militar.

Os comboios e as linhas de camionagem de passageiros seguiram nos seus horários e a maioria dos passageiros de nada se apercebeu.

ENCERRADOS ESTABELECIMENTOS

Algumas ambulâncias fizeram ouvir, pouco depois, as suas sirenes.

Todos os estabelecimentos comerciais e escritórios da «baixa» mantiveram-se encerrados, embora algumas janelas alguns empregados tentassem avistar o que ocorria nas ruas. Soube-se mais tarde, também, que as empresas dispensaram o reduzido pessoal que compareceu ao serviço.

A fim de recolherem elementos para esta reportagem — (e transmiti-los com a necessária urgência para o Jornal) — os repórteres «JN» deslocaram-se à vontade por quase todos os pontos.

ATMOSFERA TENSA EM AVEIRO

Nas ruas de Aveiro, guardas da P. S. P. faziam rondas aos pares. Chegou a constatar que haviam sido tropas para o Sul, mas parece não ser verdade. Os quartéis do R. 1. 10 e da G. N. R. estavam encerrados e com reforço à porta de armas.

Medida (aparentemente) mais espectacular, os empregados bancários foram dispensados às 10 horas e 20 minutos, só devendo regressar amanhã ao serviço.

A atmosfera na cidade, portanto, apresentava-se tensa desde que, a partir da manhã, começaram a correr notícias acerca do movimento de tropas. No entanto, e a julgar pelo que se sabia, a situação era mantida sob controlo.



Elementos do Batalhão de Caçadores n.º 9, de Vila das Castelas, montaram um posto de transmissões de rádio diante do aeroporto de Pedras Rubras.

PÓVOA DE VARZIM

O quartel estava fechado, com reforço. Junto dele, todavia, aglomerava-se bastante gente, numa busca ansiosa de notícias. O policiamento fazia-se normalmente, embora se notasse um movimento desusado de pessoas. A população estava calma, mas na rua ou em casa agarrada ao rádio, na ansia de saber novidades. Entretanto, os bancos encerraram. Esta a situação às 10 horas.

PENAFIEL

A população estava um pouco agitada pelo que ia ouvindo pelo R. C. P., mas manteve-se calma. As forças policiais não dispersaram grupos que se juntavam às esquinas e junto dos cafés, escutando as novidades. Entretanto, no R. A. L. 5, foram tomadas meras posições de imediata defesa do quartel.

ras e homens fortemente armados.

Pouco movimento em toda a faixa de circulação do Quartel-General até ao aeroporto da Portela de Sacavém. Nas proximidades da Rotunda constituiram-se, manhã cedo, grupos de populares comentando à base de várias versões os acontecimentos que traziam a cidade entre caudais de interrogações.

A zona mais rigorosamente vedada é aquela que envolve a Praça do Comércio (Terreiro do Paço).

Grande número de estivadores e pessoal dos CIT vieram impedidos de alcançar os locais onde trabalham. Acabaram uns e outros, por se retirarem a caminho das suas residências começando, para tal, por anveredar pelas ruas do Ouro, da Prata, dos Correios e Nova do Almada, esta a permitir ligação com o Chiado e a subsequente parte alta da cidade de Lisboa. Calmaria absoluta, entretanto, na zona do Camões e Loreto.

No entroncamento das ruas que ligam ao Rossio elementos da secção de trânsito da P. S. P. não têm permitido a circulação de peões ou viaturas em direcção à Praça do Comércio.

Na Avenida Marginal, de Santos até Belém, o movimento era discreto a meio da manhã, na direcção de Lisboa. A zona da Ajuda (quartel de Cavalaria 7, Polícia Militar e Depósito de Adidos) encontrava-se calma, sem qualquer movimento especial. Não havia quaisquer medidas especiais de vigilância na Calçada da Ajuda. Os portões dos quartéis encontravam-se fechados, sem sentinelas exteriores.

DA PORTELA DE SACAVÉM A VILA FRANCA DE XIRA

Cerca das 9 horas, junto ao quartel do R. A. L. 1, havia dispositivos de prevenção. Pouco

soas reflectissem a emoção que por toda a parte aumentava. Nos acessos à auto-estrada, em Vila Franca de Xira, estavam dispostas forças militares da divisão de Santa Margarida.

No regresso a Lisboa, o tráfego na auto-estrada decorria normalmente. Pouco depois da portagem (que não era paga), começava um enorme engarrafamento motivado pelo controlo a que nos referimos (junto ao quartel do R. A. L. 1). Tal facto obrigou a nossa equipa de reportagem a retroceder para Sacavem e utilizar as vias secundárias de acesso a Lisboa. Dirigimo-nos posteriormente para a zona do aeroporto onde notamos grande concentração de militares e viaturas. Era terminantemente proibido a todas as pessoas aproximarem-se das instalações, vendo-se nas varandas da aerogare tropas em posição de combate. Notamos ainda a existência de metralhadoras anti-aéreas. Nas pistas não vimos qualquer aparelho. Não entravam, nem saíam aviões. Muitos populares conversavam nas imediações.

Rumamos depois em direcção a Cidade Universitária, onde apesar de se concentrarem numerosos estudantes, não houve qualquer alteração da ordem. Não houve aulas.

TANCOS

«A Base de Tancos não adormeceu nem adormecerá. Não damos informações pelo telefone». Nestes lacónicos termos respondeu à reportagem JN o comandante daquela unidade militar, contactado às 9 horas e 10 minutos.



A imagem repetia-se em todos os estabelecimentos bancários portugueses. De nada valia o assédio dos clientes. As portas mantinham-se fechadas.

MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

DESENCADEADO EM TODO O PAÍS

EDIÇÃO
ESPECIAL

Director: M. PACHECO DE MIRANDA
Subdirector: A. FREITAS CRUZ

JORNAL DE NOTÍCIAS

QUINTA-FEIRA, 25 — ABRIL — 1974
ANO 86.º — N.º 322 — PREÇO 2\$50



As gravuras documentam dois aspectos obtidos no Porto — onde a maioria esmagadora da população de nada se apercebera. No entanto, os mais atentos haveriam de notar a presença invulgar de tropas e viaturas militares em alguns dos principais pontos da cidade. Nas artérias circundantes do Quartel-General, havia soldados ao longo das paredes; e, na Avenida dos Aliados, nomeadamente nas cercanias da Câmara Municipal, viam-se carros armados. Também se notava afluência anormal de veículos da P. S. P.

- COMUNICADOS DIFUNDIDOS ATRAVÉS DOS EMISSORES DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS
- P. S. P. E G. N. R. NÃO INTERVIERAM
- TRANQUILIDADE NAS RUAS DO PORTO
- AEROPORTOS ENCERRADOS



Algumas semanas após a tentativa das Caldas, que se cifrou por um malogro total, dado que a coluna militar que avançou sobre Lisboa teve que recuar face ao dispositivo de defesa com que deparou, novo movimento de tropas se verificou, tendo desta vez por ponto de partida (e aparentemente de chegada) a cidade capital do país. As notícias são, é evidente, contraditórias e fragmentárias, pelo que mesmo de manhã continuava a não se ter uma ideia precisa da situação.

Para além de informações obtidas pelos serviços redactoriais do «Jornal de Notícias» nas diversas capitais de distrito, só se podia contar com uma versão «oficial» das forças sediciosas: o Rádio Clube Português, que, aparentemente, havia sido ocupado e transmitia regularmente comunicados do «Movimento das Forças Armadas». De acordo com esses boletins, e ainda de acordo com que o JN apurou no Porto e em outras localidades em que tem delegados ou correspondentes, a alteração visível do «statu quo» verificava-se apenas em Lisboa. As 9 horas e meia, era ainda impossível obter-se uma imagem nítida da evolução dos acontecimentos. A dar-se crédito ao Rádio Clube Português, o movimento insurreccional iria conquistando posições, mas do lado das entidades oficiais mantinha-se um mutismo completo. Ou, então, as respostas eram prudentes, evasivas. Acentuemos, todavia, que isso em si nada significa para além de uma atitude de prudência, de reserva.

O país vive, desde a madrugada de hoje, um dos momentos mais sérios da actualidade. Eca-

FORÇAS CONCENTRADAS
NO TERREIRO DO PAÇO
A PARTIR DAS 3 HORAS

rando os acontecimentos objectivamente, ao nível de noticiário, o «Jornal de Notícias» tem que principiar por dar aos seus leitores a imagem de uma determinada confusão que reina no momento em que elabora a presente edição. Com isto não quer dar a entender mais do que o seguinte: às 9 horas e meia da manhã, era absolutamente impossível obter uma imagem perfeita da evolução dos acontecimentos. Portanto, não poderemos, de modo algum, dar para já notícia perfeita do que aconteceu em Lisboa e, aparentemente, aí se circunscreveu. São mais do que naturais as inexactidões, as repetições, a desconexão do noticiário. Aguardemos, por conseguinte, a definição do que se passou.

Segundo as informações obtidas, o movimento seria dirigido por uma junta militar. As 4 horas e 32 minutos, o Rádio Clube Português transmitiu o primeiro comunicado do «Movimento das Forças Armadas», segundo o qual estava em marcha uma acção no sentido de tomar conta do poder, numa «interpretação do sentir do povo português». Acrescentava-se que se procurava evitar o derramamento de sangue, pelo que as forças da ordem eram aconselhadas a manter-se nos seus quartéis e a não intervir.

A partir daí, os acontecimentos precipitaram-se de forma confusa. Enquanto corriam os mais disparatados boatos segundo os quais o local X e a unidade Y estariam ocupados, a população dos principais centros urbanos, Lisboa incluída, mal podia aperceber-se de qualquer alteração da situação normal — para além de desusado movimento de tropas e veículos nas artérias.

ANO XXXII
1974
11317
Preço 2550

DIÁRIO POPULAR

LISBOA
5.ª Feira
25
Abril

Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Propriedade da SOCIEDADE INDUSTRIAL DE IMPRENSA — Sede: Rua Luz Soriano, 67 — Telefones 328291/5 (P. P. C. A.) — 328296 34630 34639 — (Redacção) — 328297 (Publicidade)

Esta madrugada

AMPLO MOVIMENTO DE FORÇAS ARMADAS

Desde a madrugada de hoje que a cidade de Lisboa vive um estado de alarme de que, a princípio, poucos se aperceberam, mas de que foi havendo consciência generalizada, à medida que decorriam as horas e amanhecia.

Para além dos em especial que intervieram directamente nos primeiros acontecimentos —, foram as pessoas que trabalhavam

Comunicado dos sublevados às 11 e 40:

Pede-se o encerramento de todos os estabelecimentos comerciais — de contrário será imposto o recolher obrigatório

cimentos e daqueles que se situavam nos centros onde se registaram acções de elementos militares —

durante a noite aquelas que se aperceberam da situação, ao

DESTINO DESCONHECIDO DO CHEFE DO ESTADO E DOS MEMBROS DO GOVERNO

escutarem uma emissão do Rádio Clube Por-

(Continua na 32.ª pág.)

O Banco Central e os organismos bancários encontram-se encerrados em consequência do presente condicionalismo

Hoje:
44 páginas



O MOVIMENTO MILITAR

EM MUITAS ESCOLAS NÃO HOUE AULAS MAS OUTRAS FUNCIONARAM

Não houve hoje aulas em algumas escolas de Lisboa e em muitas dos arredores da capital. Correspondendo aos apelos divulgados pela Rádio, professores e alunos não se deslocaram aos seus estabelecimentos de ensino.

Nas Faculdades, porém, tudo era normal, tanto quanto conseguimos apurar. Na Faculdade de Letras, por exemplo, com frequências a decorrerem, a vida escolar processava-se normalmente, a meio da manhã.

Relativamente às escolas secundárias, havia aulas, por exemplo, na «Ferreira Borges», mas já não havia na «Patrício Prazeres». E o panorama repartia-se, assim, por entre estas duas decisões: iniciativa própria de dar ou não dar aulas.

Em Sesimbra, os professores não chegaram à Escola Preparatória Rodrigues Soromenho, cre-se que por dificuldades de transporte, pelo que os alunos voltaram para suas casas.

Pode-se, assim, concluir, que não havia, a nível oficial,

A EMISSÃO DA RTP PRINCIPIOU ÀS 12 E 45

Cerca das 12 e 45, a RTP iniciou a sua emissão, sendo anunciado, por um locutor desconhecido, que o programa iria ser constituído por um filme da série «Daktari», por um concerto de órgão e pelo serviço do Teletornal.

O programa abriu, de facto, com a transmissão do filme anunciado.

qualquer determinação de encerramento dos estabelecimentos de ensino, de qualquer grau. Só a prudência do corpo docente e, até, discente, originou o fecho de algumas escolas.

CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS NA FIGUEIRA DA FOZ

Segundo informações que conseguimos obter a meio da manhã, estava a desenrolar-se uma operação de concentração de forças militares na Figueira da Foz, cuja ordem era a de marchar sobre Lisboa. Forças das unidades aquarteladas na Figueira foram, de resto, segundo as nossas informações, as primeiras a chegar a Lisboa, ocupando a zona do aeroporto.

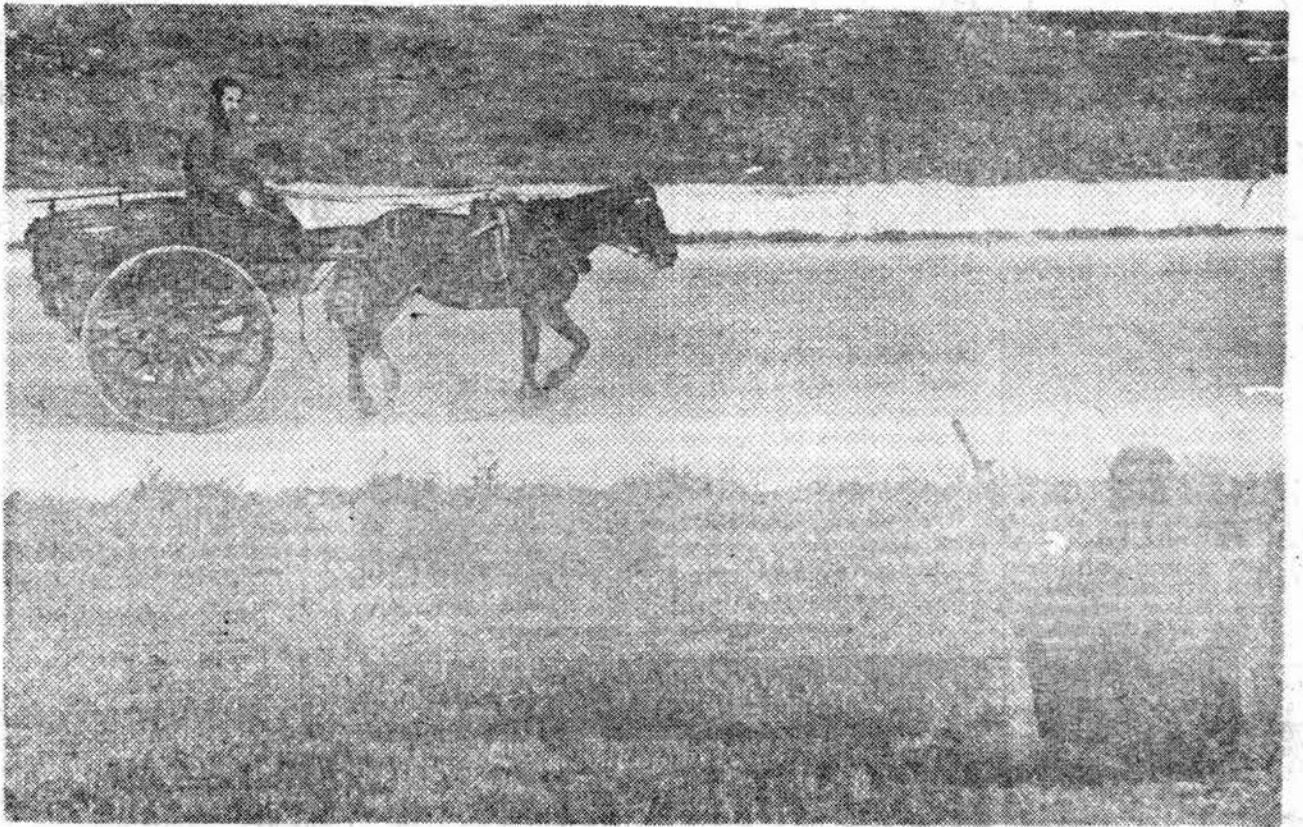
Entretanto, corria, com insistência, a notícia da detenção, em suas casas, de alguns oficiais superiores.

Por outro lado, forças da guarnição militar de Torres Novas instalaram-se próximo do monumento a Cristo-Rei, junto da Ponte Salazar.

Em Setúbal

SETÚBAL, 25. — Depois das comunicações difundidas pela Rádio, desde o início da manhã a população da cidade mantém-se na expectativa, embora calma.

Nos quartéis, que se encontram de prevenção rigorosa, os portões mantêm-se fechados.



Na estrada velha de Vila Franca de Xira, um soldado em serviço de vigilância, enquanto passa uma carroça

UMA VOLTA POR LISBOA DAS 8 ÀS 9 DA MANHÃ

As 8 horas da manhã, os portões do Palácio Nacional de Belém, quer o da entrada principal quer o da calçada da Ajuda, encontravam-se encerrados, com as sentinelas, como habitualmente em farda de gala, da parte de dentro dos portões.

Na calçada da Ajuda, todos os quartéis do Exército ali instalados, Regimentos de Cavalaria 7 e de Lanceiros 2 e Depósito-Geral de Adidos, encontravam-se, pouco depois das 8 horas, com

os portões fechados, sentinelas reforçadas e armadas de espingardas-metralhadoras.

O mesmo aspecto ofereciam, meia hora depois, as instalações aeronavais de Monsanto, com as sentinelas da Força Aérea e da Armada reforçadas e colocadas por detrás dos portões.

Entretanto, cerca das 8 e 30, a Força Aérea encontrava-se controlando as entradas do emissor de Monsanto da RTP e o restaurante de Turismo, que se situa quase defronte.

«Bichas» à porta dos estabelecimentos de venda de víveres

Entretanto, em numerosos bairros da cidade, as pessoas, preocupadas com os acontecimentos, formaram grandes «bichas» nos estabelecimentos de venda de víveres, adquirindo grandes quantidades de géneros alimentícios. Pouco depois da abertura das padarias, mercearias, supermercados, os alimentos esgotaram-se. Paralelamente, outros esta-

belecimentos não abriram as portas.

Nas imediações de Caçadores 5 e do Rádio Clube Português

Cerca das 9 horas, o portão principal do Regimento de Caçadores 5, ao fundo da rua de Campolide, encontrava-se igualmente de portões fechados e guardado por sentinelas fortemente reforçadas.

Os terrenos em frente, onde decorrem trabalhos de terraplenagem, estavam ocupados pelas forças do próprio quartel, que impediam qualquer movimento de veículos. Os trabalhadores da construção civil — talvez umas três dezenas no total — mantinham-se a distância.

Entretanto, sensivelmente à mesma hora, na rua Marquês de Fronteira todo o quarteirão onde se situa a Penitenciária e os portões secundários do quartel do Regimento de Caçadores 5, estava cortado ao trânsito por forças do Exército, que faziam

desviar todos os veículos para a rua Artilharia Um.

Ao mesmo tempo, todas as artérias que ligam a rua Artilharia Um à rua Rodrigo da Fonseca, nomeadamente aquela onde se situam as instalações do Rádio Clube Português, estavam cortadas ao trânsito e fortemente guardadas por forças do Exército. A rua Rodrigo da Fonseca, no quarteirão em frente ao Liceu Maria Amália, estava, além disso, bloqueada em toda a sua extensão por carros civis.

Forças militares ocupavam também aquele estabelecimento de ensino.

Fechado o Instituto de Altos Estudos Militares

Ambos os portões de acesso ao Instituto de Altos Estudos Militares, em Pedrouços, se encontram fechados desde esta manhã, não sendo, portanto, permitido o acesso.

Através das grades podiam ver-se, no entanto, dois jardineiros, procedendo ao seu serviço

FORÇAS FIÉIS E SUBLEVADAS FRENTE A FRENTE NA RUA DO ARSENAL

Sabe-se que, durante a madrugada, saíram dos seus quartéis diversos carros ligeiros, médios e pesados, destinados a fazerem frente às forças revoltosas concentradas no Terreiro do Paço. Naquela zona da cidade encontravam-se, às 9 horas, forças fiéis ao Governo, constituídas por elementos de Lanceiros 2 e Cavalaria 7, de um dos lados da praça, e, do outro, tropas dissidentes, constituídas por elementos da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, do Regimento de Leiria e das Caldas da Rainha.

Ambas as forças se encontravam frente a frente, em posição de combate, na rua do Arsenal.

Entretanto, pouco antes das 9 horas, ouviram-se alguns tiros na zona

do Terreiro do Paço, facto que estabeleceu grande confusão entre os populares que se encontravam nas imediações. Segundo um repórter do «Diário Popular» que se encontrava naquela área, os tiros foram disparados pelas forças fiéis ao Governo, com o único objectivo de dispersarem a multidão. Mais tarde ouviram-se mais dois tiros, também com a mesma aparente finalidade.

Texto do comunicado transmitido às 11 e 45

As 11 e 45, o posto de comando das Forças Armadas difundiu o seguinte comunicado: «Na sequência das acções desencadeadas na madrugada de hoje com o objectivo de derrubar o regime que há longo tempo oprime o País, as Forças Armadas informam que do Norte a Sul dominam a situação e que

em breve chegará a hora da libertação.

Reafirma-se o desejo veemente de evitar derramamento de sangue, mas igualmente se reafirma a decisão inabalável de responder decidida e implacavelmente a qualquer oposição que as forças militarizadas e policiais pretendam oferecer.

Recomenda-se de novo à população que se mantenha calma e nas suas residências para evitar incidentes desagradáveis cuja responsabilidade caberá integralmente às poucas forças que se opõem ao Movimento.

Chama-se a atenção de todos os estabelecimentos comerciais de que devem encerrar imediatamente as suas portas, colaborando desta forma com o Movimento de modo a evitar açambarcamentos desnecessários e inúteis.

Caso esta determinação não seja acatada será forçoso decretar o recolher obrigatório.

Ciente de que interpreta fielmente os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá inabalavelmente a missão que à sua consciência portuguesa e militar lhes impõe.
Viva Portugal.»



A população trabalhadora de Lisboa acordou esta manhã com lanques na «baixa» da cidade. Na gravura, carros de assalto cercam a praça do comércio

As Forças Armadas tomaram o poder



General Costa Gomes



General António de Spínola

OS GENERAIS SPÍNOLA E COSTA GOMES DEVEM VIR A FORMAR UMA JUNTA MILITAR

Eram exactamente 4 horas e 32 minutos de hoje quando o Rádio Clube Português interrompeu a sua emissão normal para transmitir o seguinte:

mando do Movimento das Forças Armadas:

As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a

«Daqui Posto de Co-

(Continua na pág. seguinte)

PROCLAMAÇÃO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

(LER NA ÚLTIMA PÁGINA)

PELO POVO E PELAS SUAS LIBERDADES

As Forças Armadas assumiram perante o País a maior das responsabilidades ao tomarem conta do poder. O acto de força só será útil e terá a sua justificação, na medida em que contribua para dar a todos os portugueses participação efectiva no Governo da Nação. Não pode de forma nenhuma substituir um autoritarismo a outro; muito menos pode representar a continuação de um sistema autocrático iniciado com o golpe militar de 28 de Maio de 1926.

A Ditadura Militar então instaurada teve continuidade no regime censório e policial que até hoje nos tem governado sem nos ouvir. As liberdades fundamentais do homem não têm sido respeitadas e os destinos do País têm sido traçados sem que os portugueses tenham sido ouvidos. Nem sequer os direitos consignados na Constituição têm sido respeitados, duramente

limitados por leis de autêntico arbítrio. Imposto o silêncio aos que se não dispuseram a ser elementos dóceis do poder, privados da liberdade muitos cidadãos, atirados outros para o exílio, o País está profundamente dividido, numa das horas mais graves da sua história e quando mais seria necessária uma solidariedade autêntica dos portugueses.

As Forças Armadas intervêm, mais uma vez, na vida pública portuguesa. Não pode ser para se imporem como uma classe; mas tem de ser para fazerem valer os direitos dos cidadãos a disporem do País que é de todos. Só dessa forma a sua intervenção se justifica: pôr termo ao Governo de um sector para instaurar um Governo do Povo e para todo o Povo, restituindo a este os direitos que nunca lhe deveriam ter sido arrebatados.

A braços com uma longa e mortífera guerra cujas responsabilidades cabem fundamentalmente ao regime autocrático que há quase meio século foi imposto à Nação e que nunca foi intérprete da vontade das populações, nem da Metrópole nem do Ultramar, temos antes de mais de clarificar a situação presente e respeitar os direitos de todos para a todos exigir os deveres de cidadania.

As Forças Armadas têm de se integrar no contexto da Nação e não sobrepor-se a ela. Só podem servir os interesses do povo; e não pôr-se ao serviço de um só partido ou de uma classe. Na medida em que as Forças Armadas sejam intérpretes do sentir do Povo Português e procurem restabelecer as liberdades fundamentais do cidadão, primeiras das quais consideramos o direito à vida e à expressão, trabalharão por Portugal.

ESTE JORNAL NÃO FOI VISADO POR QUALQUER COMISSÃO DE CENSURA

O MOVIMENTO MILITAR

A SITUAÇÃO NO AEROPORTO

No aeroporto de Lisboa, tomado de madrugada pelas forças do movimento insurreccional, era calma a situação às 9 e 45. A torre de «contrôle» encontrava-se vazia e todas as instalações estavam ocupadas por mili-

mas não se registavam engarrafamentos.

Na Rotunda da Encarnação, onde, às 8 horas da manhã, não existiam tropas na rua, foi montada, cerca das 9 e 30, uma barreira militar, com dois camiões da tropa atravessados na estrada, junto ao Quartel do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1. Diversos militares fiscalizavam o trânsito, tentando evitar engarrafamentos.

Cerca das 4 horas da madrugada, numerosas pessoas, residentes em zonas da cidade adjacentes do aeroporto de Lisboa, foram acordadas por um forte ruído, que depois identificaram como rajadas de metralhadora, provenientes precisamente de local que consideraram próximo do aeroporto. Depois, passadas já as seis horas, voltaram a ouvir-se, com origem do mesmo local, novas rajadas curtas. Entretanto, não se viu ou ouviu passar por aquelas zonas qualquer ambulância.

MOVIMENTO NORMAL NA PONTE

Cerca das 11 horas da manhã, um repórter do «Diário Popular» dirigiu-se ao Gabinete da Ponte Salazar, para investigar se a circulação do tráfego se processava normalmente, o que, de facto, sucedia, nunca tendo sido interrompida ou suspensa. O único facto anormal que ali se registava era a extrema dificuldade em se obter ligações telefónicas, o que fez pensar que a referida circulação tivesse sofrido quaisquer anomalias. Junto ao monumento a Cristo-Rei encontra-se colocada, desde madrugada, numerosa força militar, munida de canhões e morteiros, a qual, embora não identificada, se presume pertencer ao movimento revolucionário.

ENCERRADOS OS AEROPORTOS CIVIS E MILITARES

PARIS, 25 — Nos termos duma «nota» internacional chegada hoje de manhã ao aeroporto parisiense de Orly, os aeroportos civis e militares portugueses estão, até nova ordem, encerrados ao tráfego aéreo. — (F. P.).

Em confirmação deste telegrama, podemos informar que, efectivamente, o aeroporto da Portela foi encerrado ao tráfego sendo, portanto, anuladas quaisquer saídas e chegadas de aviões das carreiras aéreas.

Em contacto com a secretaria de Estado da Aeronáutica, a fim de colhermos informações sobre a situação nos restantes aeroportos do País, foi-nos dito que, tão depressa se soubesse, nos seria feita uma comunicação, o que, até à hora de saída desta edição, se não verificou.

tares, alguns dos quais se dispunham estrategicamente nos telhados do edifício.

Segundo informações que obtivemos no local, nenhum avião podia descolar ou aterrar. Funcionários da TAP, que de manhã se dirigiram para o trabalho, foram aconselhados a regressar a casa, ficando, no entanto, alguns deles nas imediações do aeroporto.

Entretanto, o trânsito que se aproximava do aeroporto era desviado nalguns locais,



Quando, na rua do Arsenal, as forças leais ao Governo tentavam marchar de encontro aos seus opositores

O TERREIRO DO PAÇO OCUPADO (desde a madrugada) POR FORÇAS MILITARES

Ao princípio da manhã, por informações recolhidas telefonicamente de várias fontes, parecia que a Força Aérea e a Marinha não se mostravam comprometidas no movimento insurreccional, o mesmo acontecendo

com a G. N. R. e as Polícias.

O Terreiro do Paço já se encontrava, desde a madrugada, ocupado por forças militares, vindas, ao que parece, de Santarém e de Tomar.

O ministro do Exérci-

to e o seu chefe de gabinete encontravam-se desde muito cedo no Ministério, onde puderam ser contactados por telefone. O secretário-geral da Presidência da República estava desde as 6 horas no Palácio de Belém.

A impressão dominante, por volta das 8 horas, era de que havia em vários pontos da cidade núcleos de forças armadas em contacto com os comandos militares sublevados, instalados nas dependências de Rádio Clube Português.

No Cais do Sodré: tropas fiéis ao Governo

No Cais do Sodré encontrava-se, manhã cedo, um esquadrão de tanques de combate, pesados, pertencentes a Cavalaria 4, unidade estacionada em Santa Margarida. Um dos oficiais, abordado pelo repórter do nosso jornal, declarou que as referidas tropas se mantinham fiéis ao Governo. No local viam-se, também, diversos auto-metralhadoras.

Ocupação de edifícios públicos por forças militares

Cerca das 9 e 15, abandonou o Ministério do

Exército uma carrinha «Mercedes», em cujo interior se viam alguns membros do Governo, nomeadamente o ministro da Defesa Nacional, prof. Silva Cunha. O veículo era seguido por viaturas militares.

Entretanto, sabia-se que a Câmara Municipal e alguns Ministérios tinham sido ocupados por tropas de Leiria, Caldas da Rainha e Santarém.

Em Beja

BEJA, 25. — Desta cidade partiu, cerca das 8 e 30, uma dezena de viaturas de transportes de tropas, com destino desconhecido. Presume-se, todavia, que possam ter ido para Évora ou Lisboa.

Nas instalações do Regimento de Infantaria 3, de onde partiram aqueles carros, a vigilância era apertada, mas sem aparato exterior.

Por sua vez, os aquartelamentos, postos e esquadras da P. S. P. e G. N. R. não demonstravam qualquer movimento especial, nem tão pouco havia homens daquelas forças estacionados nas imediações, calculando-se que se encontrem reunidos dentro das suas unidades.

Tropas de Aveiro a caminho de Lisboa

Cerca das 2 horas da madrugada passaram por Cantanhede contingentes de tropas que, segundo se presume, viam de Aveiro com destino a Lisboa.



As tropas sublevadas tomaram posições estratégicas no aeroporto. Na gravura, militares de vigia no terraço da torre de «contrôle»

FLAMA

N. 1365 / ANO XXX / 3 DE MAIO DE 1974 / 10\$00

ANGOLA 17\$50/MOÇAMBIQUE 20\$00

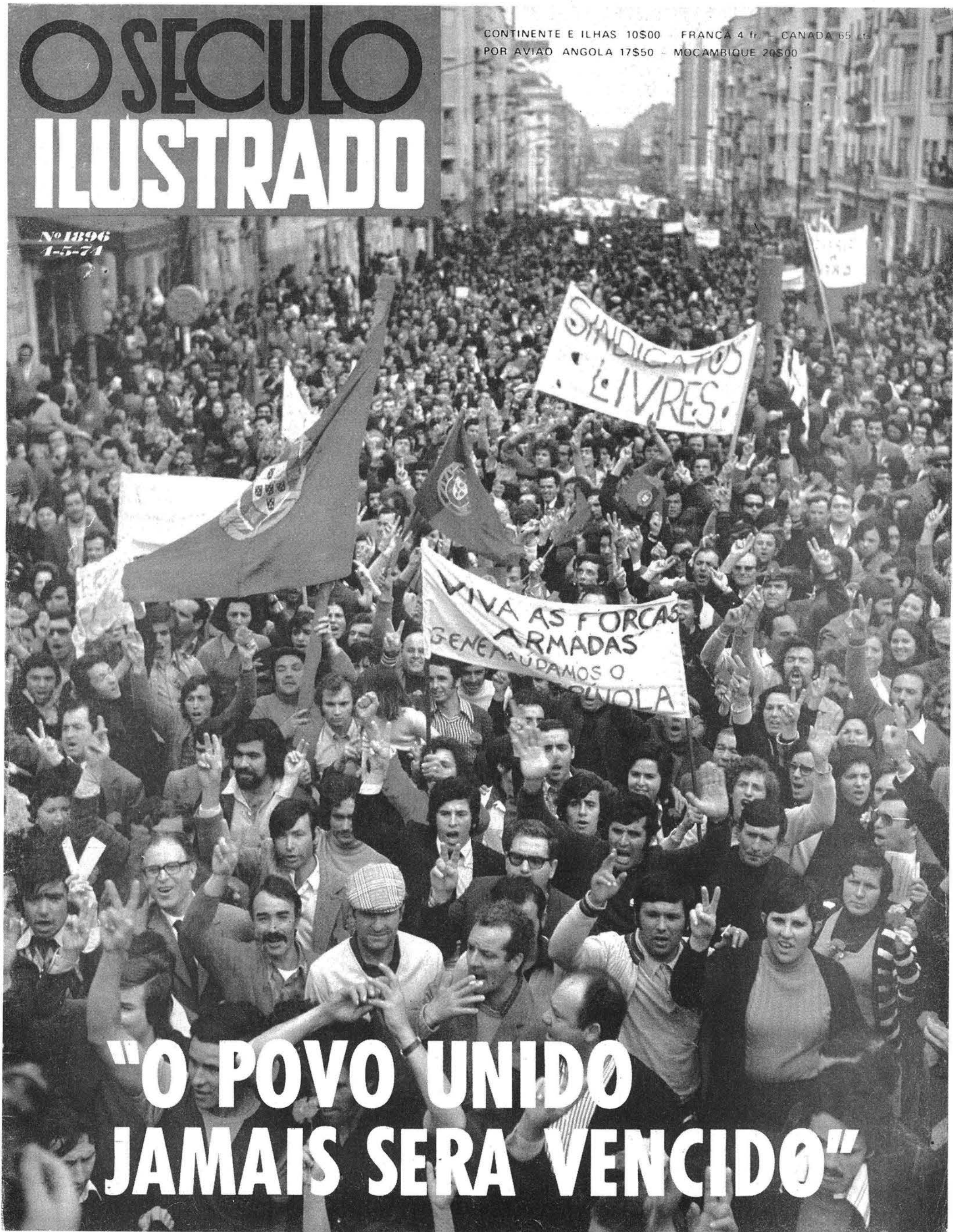
25 DE ABRIL: O VIRAR DA PÁGINA



O SÉCULO ILUSTRADO

CONTINENTE E ILHAS 10\$00 - FRANÇA 4 fr. - CANADA 65 cts
POR AVIAO ANGOLA 17\$50 - MOCAMBIQUE 20\$00

Nº 1396
1-5-71



**"O POVO UNIDO
JAMAIS SERA VENCIDO"**

O MINISTÉRIO DO EXÉRCITO OCUPADO POR OFICIAIS DA ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA (SANTARÉM)

• O MINISTRO E O SUBSECRETÁRIO DA PASTA CONSEGUIRAM SAIR DO EDIFÍCIO ATRAVÉS DO MINISTÉRIO DA MARINHA

As 3 da madrugada — considerada hora H — forças da Escola Prática de Cavalaria, instalada em Santarém, chegaram ao Terreiro do Paço, tomando posições nas embocaduras de todas as artérias que ali confluem, vedando-as ao trânsito. Entretanto, um grupo de oficiais entrou no Ministério do Exército, sem qualquer oposição, uma vez que de dentro a porta lhes foi aberta, tomando imediatamente, sem qualquer resistência conta do edifício. Foram detidos vários oficiais que ali se encontravam, incluindo os chefes dos gabinetes do titular da pasta do Exército e do subsecretário de Estado da mesma pasta.

Era do conhecimento do Comando do Movimento das Forças Armadas encontrarem-se ali o ministro e o subsecretário do Exército, mas ambos não foram encontrados nos seus gabinetes, não tardando a encontrar-se a explicação para o facto: um buraco aberto numa parede de tijolos de uma antecâmara do 1.º andar do edifício que dá para a biblioteca do Ministério da Marinha. Aqueles dois membros do Governo teriam passado por essa abertura, feita na ocasião e precipitadamente, passando para o outro Ministério. Logo foram adoptadas providências para cortar a retirada das duas individualidades e procurar detê-las, enquanto o

edifício e proximidades foram cercadas por forças do Exército da referida unidade de Santarém, mais as de Lanceiros 2 e também elementos do Regimento de Engenharia 1, que para ali haviam igualmente convergido durante a noite. Entretanto, oficiais e vários pelotões passaram minuciosa busca aos edifícios. Os resultados concretos dessa busca não conseguimos obtê-los de qualquer fonte responsável.

Dizia-se, no entanto, que as duas citadas individualidades haviam logrado afastar-se por uma das portas da rua do Arsenal, tomando rumo desconhecido. Também se afirmava haverem ambos sido detidos ou estarem ainda no

edifício do Ministério da Marinha.

O esquema das posições estratégicas ocupadas pelas unidades do Movimento

Viaturas militares e carros de combate ocupavam o Terreiro do Paço, estando aquela vasta praça completamente isolada. As

forças em operação haviam estabelecido cordões nas artérias limitrofes: Alfândega, avenida Infante D. Henrique, rua dos Fanqueiros, da Prata, Augusta, do Ouro, isolando a praça do Comércio desde a rua do Comércio, do lado norte, Campo das Ceboas, do lado oriental, e avenida da Ribeira das Naus, largo do Município e rua de Arsenal. Ai se colocaram, em posições estratégicas, carros de combate, com os seus canhões voltados para os

três referidos pontos, e auto-metralhadoras ligeiras, pertencentes aos regimentos já citados.

No largo do Corpo Santo e no princípio da rua do Arsenal tomaram, entretanto, posições, cinco tanques «Patton M-47», do Regimento de Cavalaria 7, forças que para ali haviam avançado em oposição àquelas.

Na travessa do Comércio e à porta do Ministério do Interior estacionavam, mantendo-se em regime de prevenção rigorosa (ordenada, de madrugada, pelo Comando da corporação), efectivos da P. S. P., incluindo os elementos da 2.ª Esquadra, ali instalada.

Passavam poucos minutos das 10 horas, e depois de diversos oficiais do Movimento — um coronel, dois tenentes-coronéis, vários majores e capitães — haverem parlamen-

te apertado cerco a Lisboa, iniciaram-se às 23 horas de ontem, em obediência ao plano que fora estabelecido.

Uma hora decorrida, alguns membros do Governo, a par do que já se passava, estavam, segundo nos disseram, reunidos com o titular da pasta do Exército. Terá começado, então, em pormenor, o programa de acção, que foi culminado às 3 horas, com a intervenção directa das forças da Escola Prática de Cavalaria, de Santarém, desenrolando-se a seguir, cronologicamente, os acontecimentos atrás referidos.

Um apontamento a referir, que despertou curiosidade entre quantos estavam no Terreiro do Paço. Cerca das 9 horas fundeu, frente ao Cais das Colunas, uma fragata da Marinha de Guerra, com a matrícula «F-473».

Na zona estacionavam di-



Um grupo de soldados estabelecendo uma barreira junto da praça do Município



Um grupo de populares assistindo ao desenrolar dos acontecimentos numa artéria da Baixa, perante a presença de soldados das forças dissidentes

tado com os oficiais que estavam no lado oposto, junto dos tanques «Patton», especialmente, estes últimos entregaram-se, sendo levados dali para local desconhecido, em viaturas que estacionavam junto da estátua de D. José. Por seu turno, os militares da guarnição dos aludidos carros de combate e de outras forças que os apoiavam, foram desarmados e formaram no centro da mesma praça.

Imediatamente, dois daqueles tanques, com outras guarnições, foram utilizados pelo comando local do Movimento para tomarem posições na rua do Arsenal e no largo do Município, e outros engenhos idênticos, que permaneciam em linha à entrada do largo do Corpo Santo. Foi então dirigido um ultimato aos oficiais que os comandavam.

Entre os oficiais que foram detidos contavam-se o brigadeiro, segundo comandante da Região Militar de Lisboa, o tenente-coronel segundo comandante do Regimento de Cavalaria 7, e outros oficiais, incluindo um major.

As forças dissidentes começaram a movimentar-se às 23 horas de ontem

Segundo apurámos, os primeiros movimentos das forças dissidentes participantes nas operações desenroladas no Terreiro do Paço, numa acção simultânea com outras unidades de Lisboa e da província em diversos pontos da cidade, e também estabelecendo

versos navios da esquadra do N. A. T. O. (unidades inglesas e alemãs), especialmente, as quais, pouco depois, levantaram ferro rumando à barra, em obediência ao seu plano de exercícios. A referida fragata portuguesa, decorrido algum tempo, levantou também ferro, seguindo em direcção ao Alfeite.

A bifurcação de estradas junto à ponte de Vila Franca ocupada por forças provenientes de Santa Margarida

Tropas revolucionárias provenientes de Santa Margarida ocuparam de madrugada a estratégica bifurcação de estradas junto à ponte Marçal Carmona, em Vila Franca de Xira, dominando a situação naquele local. Entre as pessoas que foram ali interceptadas e convidadas a identificarem-se contava-se um coronel, comandante do Campo de Tiro de Alcochete.

Entretanto, o movimento de automóveis civis fazia-se normalmente tanto na auto-estrada do Norte como na estrada velha de Vila Franca e na recta do Cabo.

Nas Escolas da Armada, em Vila Franca de Xira, a respectiva guarnição encontrava-se formada na parada, cerca das 9 horas, aparentemente aguardando instruções de comandos superiores. A porta de armas encontrava-se fechada.

O MOVIMENTO MILITAR

FORÇAS DISSIDENTES OCUPARAM NO PORTO O EMISSOR DO R. C. P. EM MIRAMAR E CONTROLARAM A PASSAGEM NA PONTE DA ARRÁBIDA

• Às 9 horas já não se viam forças militares no centro portuense

No Porto, as tropas do Regimento de Cavalaria 6 saíram do seu aquartelamento cerca das 6 horas, descendo a avenida da Boavista, fraccionando-se, depois, em várias direcções.

Assim, algumas forças revolucionárias dirigiram-se para Miramar, onde ocuparam o posto emissor do Rádio Clube Português, enquanto uma coluna se postou na ponte da Arrábida, controlando as entradas na cidade.

Entretanto, algumas unidades móveis atravessaram o centro da cidade, demorando-se alguns tanques na praça do Município, junto à Câmara Municipal e ao Palácio dos Correios. Todavia, às 9 horas, nessa zona da cidade já não se viam forças militares, iniciando-se o serviço, nesses dois edifícios públicos e nos restantes estabelecimentos comerciais, assim como na Caixa Geral de Depósitos, que se situa próximo da praça do Município, na avenida dos Aliados, com a regularidade possível na circunstância.

Não se viam, também, nas ruas do centro da cidade, quaisquer forças policiais ou militarizadas.

Como decorreu a manhã de hoje no Porto

PORTO, 25 — A população portuense foi surpreendida esta manhã com movimento de viaturas militares em algumas ar-

térias, interrogando-se uma parte dos portuenses sobre o que se passava na capital, ante os comunicados que ouvira, ao fim da madrugada, através do Rádio Clube Português.

Mais tarde avolumava-se a apreensão do público com os telefonemas de familiares em Lisboa e com anormalidades, embora pouco perceptíveis à maioria, que se afastavam do vulgar quotidiano cidadão.

Os quartéis estão de preven-

ção rigorosa, cruzando-se as colunas de viaturas militares e estando as entradas e saídas da cidade a ser controladas pelas forças do Exército.

Tal como atrás referimos, elementos do Exército ocuparam as instalações do Rádio Clube Português, em Miramar, que passou a transmitir o programa dos estúdios em Lisboa.

A Emissora Nacional transmitiu o programa dos estúdios do Porto, não se tendo escutado os

habituais noticiários de Lisboa.

Os telefones das unidades militares não atendiam as chamadas. Apenas conseguimos um contacto com o comandante do Regimento de Cavalaria 6, que se recusou a prestar declarações de qualquer espécie.

Vários bancos encerraram as portas

No aeroporto de Pedras Rubras a tropa ocupou as instalações, ao princípio da manhã,

enquanto a TAP anunciava a suspensão das carreiras de Lisboa.

Alguns colégios não abriram as portas e o Liceu Nacional de Garcia de Orta não funcionou. Alguns bancos encerraram as suas portas.

A P. S. P. do Porto, sob a orientação do comandante, coronel A. Santos Júnior, mantém na cidade a ordem e a segurança pública, na forma habitual,

sem que tenham sido, para já, tomadas medidas especiais ou alterados dispositivos existentes.

Todo o pessoal disponível se encontra nas esquadras ou no Comando, onde o movimento das diversas repartições se mantém normalmente.

O emissor de Miramar do Rádio Clube Português deixou de funcionar

Pouco depois das 10 horas, o Emissor de Miramar do Rádio Clube Português deixou de funcionar. A suspensão da emissão deve-se ao corte de corrente.

CALMA EM COIMBRA

COIMBRA, 25. — Os acontecimentos militares foram tardiamente conhecidos nesta cidade não obstante os constantes comunicados difundidos pelas Estações Emissoras. Assim, só depois das 9 horas, com o apelo feito através da Emissora Nacional, a população começou a ter conheci-

mento do que estava a ocorrer na capital, formulando-se interrogações sobre as suas consequências do ponto de vista militar.

Pelas ruas da Baixa, despreocupados e ignorando os acontecimentos, passavam militares, numa prova evidente de que as suas unidades não os haviam mobilizado.

Em frente aos quartéis da cidade, tais como o R. A. L. 2, C. I. C. A. 4 e Regimento de Serviços de Saúde, não se verificava outro movimento que não fossem as normais sentinelas.

A estação local da Emissora Nacional, cerca das 8 horas, tinha, à frente do edifício, alguns agentes da P. S. P.

No batalhão n.º 5 da G. N. R., mantinham-se, dentro dos gradeamentos, algumas sentinelas de capacete e metralhadora, nada parecendo indicar haver uma prevenção rigorosa.

No entanto, alguns carros-patrolhas da P. S. P. circulavam com guardas, em direcção ao Comando, levando a crer que os teriam ido buscar apressadamente às suas residências. Assim, até às 9 e 30, nada de anormal se verificou na cidade e suas imediações.

Entrámos em contacto com o Quartel-General da Região Militar de Coimbra a fim de nos ser fornecida uma panorâmica dos acontecimentos.

Um oficial do Estado-Maior, informou-nos que, «na guarnição militar de Coimbra nada se passava e que tudo estava calmo».

Em Viseu

Segundo informações colhidas em Viseu, soube-se que uma longa coluna do quartel do Centro de Operações Especiais de Lamego se dirige para a capital do distrito.

Em Aveiro

Além da situação de prevenção rigorosa no quartel de Infantaria 10, sabe-se que uma coluna que andava em instrução para os lados de Águeda, sob o comando de um capitão, teria seguido com destino desconhecido. A situação na cidade é normal.

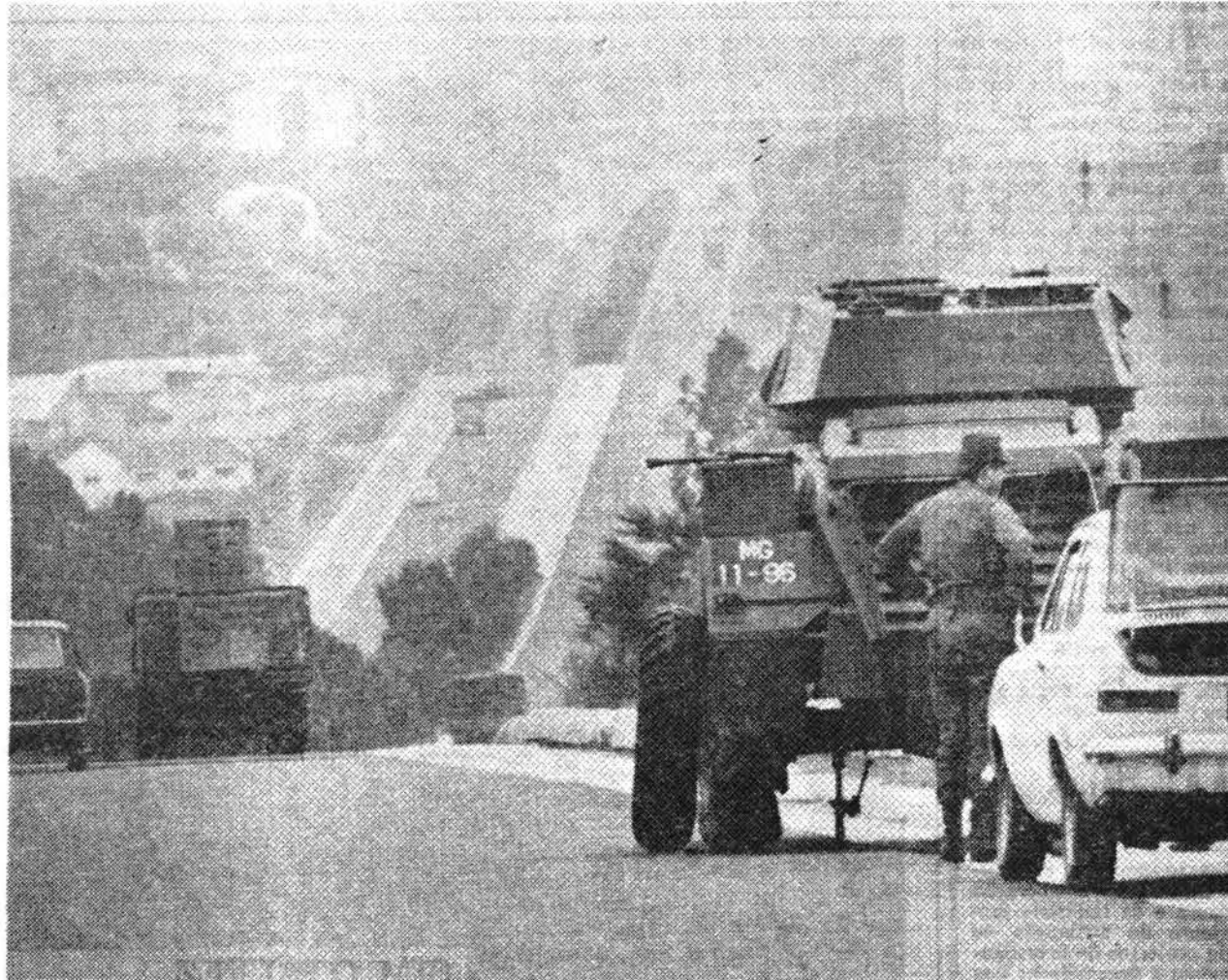
Em Braga e Viana do Castelo

Em Braga, o ambiente era, de manhã, de calma absoluta, com a vida cidadã a decorrer normalmente, o mesmo acontecendo em Viana do Castelo.

Em Vila Real, Bragança e Penafiel

Em Vila Real e Bragança a calma é absoluta. Do quartel de Bragança saíram dois destacamentos, tendo-se dirigido um para Mirandela e outro para Valpaços.

Em Penafiel, no quartel do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 5, o ambiente é de calma, como aliás em toda a cidade.



Na auto-estrada do Norte, junto da portagem, tropas em movimento em direcção de Lisboa, vendo-se um tanque em primeiro plano



Tropas em posição de combate aguardam com expectativa o desenrolar dos acontecimentos

O MOVIMENTO MILITAR OS COMUNICADOS TRANSMITIDOS PELAS EMISSORAS OCUPADAS

Texto do comunicado transmitido às 7 e 45 pelo Rádio Clube Português

As 7 e 45, novo comunicado emitido por Rádio Clube Português, do «posto de comando das Forças Armadas».

«As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa para recolherem a suas casas, nas quais se devem manter com a máxima calma.

Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal, para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo.

Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da

A EMISSORA NACIONAL OCUPADA PELOS MILITARES DIFUNDE OS COMUNICADOS DAS FORÇAS SUBLEVADAS

Cerca das dez horas da manhã, a Emissora Nacional, por intermédio da sua emissão de FM, que continuava, entretanto, no ar apenas com música, difundiu um dos comunicados das Forças Armadas, precedido do hino nacional. Pouco depois transmitia canções de José Afonso e Léo Ferré.

Tal como noutra local referimos, desde madrugada os estúdios da Emissora Nacional, na rua do Quelhas, estão ocupados por forças militares. Nos telhados, varandas e pátios eram visíveis cerca de 30 soldados armados de espingardas G-3 e bazucas. Perto do edifício um camião militar e um «jeep» mantinham-se estacionados,

classe médica, esperando a sua ocorrência aos hospitais a fim de prestar a sua exemplar colaboração que se deseja

Informa-se a população de que no sentido de evitar todo e qualquer incidente, ainda que involuntário, deverão recolher

Desde a madrugada, a Redacção do «Diário Popular» respondeu a dezenas de chamadas telefónicas de leitores que desejavam ser informados sobre o desenrolar dos acontecimentos. Grande parte da população não saiu à rua, cumprindo as determinações dos comunicados do Movimento das Forças Armadas, e numerosos foram os estabelecimentos que não abriram portas ou que, tendo-as aberto, a seguir as encerraram.

seja desnecessária. A todos os elementos das forças militarizadas e policiais o comando aconselha a

a casa, mantendo absoluta calma.

A todos os componentes das forças militarizadas, nomea-

só poderá ser alcançado se não for oposta qualquer reacção às Forças Armadas. Tal reacção nada teria de vantajoso, pois apenas conduziria a indesejável derramamento de sangue que em nada contribuiria para a união de todos os portugueses.

Embora estando crenes do civismo de todos os portugueses no sentido de evitarem todo e qualquer recontro armado, apelamos para que os médicos e o pessoal de enfermagem se apresentem nos hospitais para uma

-se dentro dos seus quartéis até receberem ordens do Movimento das Forças Armadas. Os comandos das forças militarizadas e policiais serão severamente responsabilizados caso incitem os seus subordinados à luta armada.»

Texto do comunicado transmitido às 8 e 30 por Rádio Clube Português

Cerca das 8 e 30, Rádio Clube Português transmitiu novo comunicado:

ma e que se recolha às suas residências. Viva Portugal!».

Os comunicados transmitidos por Rádio Clube Português, em intervalos de quinze e vinte minutos, aproximadamente, foram lidos pelos locutores Joaquim Furtado e Luis Filipe Costa. Até cerca das 8 horas da manhã, e após a leitura dos comunicados do Movimento das Forças Armadas, R. C. P. fez ouvir marchas marciais. Após o comunicado das 8 e 20, seguiu-se música de Carlos Paredes e uma canção de Adriano Correia de Oliveira.

Texto do comunicado transmitido às 10 e 30

As 10 e 30, as estações emissoras transmitiram o seguinte comunicado:

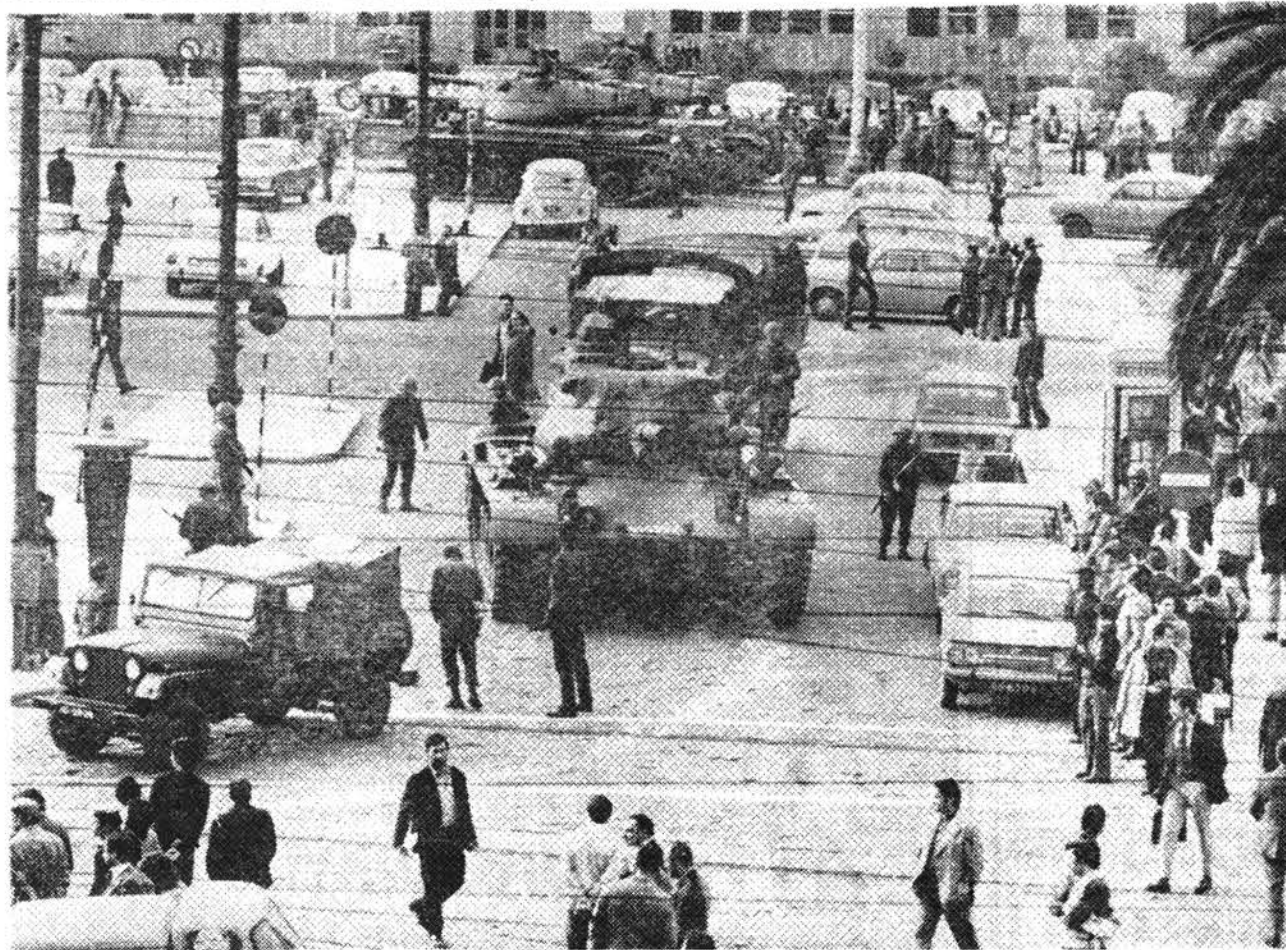
«O Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas constata que a população civil não está a respeitar o apelo já efectuado várias vezes para que se mantenha em casa. Muito embora o controlo das acções desencadeadas seja quase total, tendo já o ex-ministro do Exército abandonado o Ministério e entrado em contacto com oficiais superiores do Comando do Movimento, pede-se, mais uma vez, à população, que permaneça nas suas casas a fim de não pôr em perigo a sua própria integridade física. Em breve será radiodifundido um comunicado esclarecendo o domínio da situação.»

O PROGRAMA DE ONDAS CURTAS DA E. N. (PARA O ULTRAMAR E ESTRANGEIRO) NÃO FOI INTERROMPIDO

Na rua do Quelhas, concentrados junto ao edifício da Emissora Nacional, os funcionários que ali deveriam entrar esta manhã para prestar serviço interrogavam-se sobre o que deveriam fazer. Com efeito, o portão principal encontrava-se fechado, e, por detrás dele, dois elementos das Forças Armadas desencorajavam qualquer tentativa no sentido de se obter informações.

Também no nosso repórter se opôs a mesma atitude. Mas, depois de insistir, um dos guardas acabou por o aconselhar, através da porta a dirigir-se ao Rádio Clube Português.

Embora, os emissoras de Lisboa 1 e 2 estivessem mudos, o mesmo não sucedia com o programa de ondas curtas, que continuava a ser transmitido para o Ultramar e para o estrangeiro, dos estúdios de S. Marçal. Nestes estúdios o encarregado, sr. Maglioli, negou-se a fornecer quaisquer informações ao jornalista. No entanto, este pôde ouvir, através de um antiaéreo, o referido programa.



Na zona do Corpo Santo, um dos nossos repórteres fixou, a meio da manhã, esta imagem

máxima prudência, a fim de serem evitados quaisquer recontros perigosos. Não há a intenção deliberada de fazer correr sangue desnecessariamente mas tal acontecerá caso alguma provocação venha a verificar-se. Apelamos, portanto, para que regressem imediatamente aos seus quartéis, aguardando as ordens que lhes serão dadas pelo Movimento das Forças Armadas. Serão severamente responsabilizados todos os comandos que tentarem por qualquer forma conduzir os seus subordinados à luta com as Forças Armadas.

damente às forças da G. N. R. e P. S. P. e ainda às forças da Direcção-Geral de Segurança e Legião Portuguesa, que abusivamente foram recrutadas, lembra-se o seu dever cívico de contribuírem para a manutenção da ordem pública, o que na presente situação

A MAIORIA DOS BANCOS NÃO ABRIU

Em Lisboa, o Banco de Portugal e a maioria dos bancos comerciais não abriram as suas portas esta manhã em consequência da situação política e militar. A sede da Caixa Geral de Depósitos, no Calhariz, funcionava normalmente quando um redactor do «Diário Popular» por ali passou a meio da manhã.

colaboração que fazemos votos por que seja desnecessária.

Atenção elementos das forças militarizadas e policiais: Uma vez que as Forças Armadas decidiram tomar a seu cargo a presente situação, será considerado muito grave qualquer oposição das forças militarizadas e policiais às unidades militares que cercam a cidade de Lisboa.

A não obediência a este aviso poderá provocar um inútil derramamento de sangue cuja responsabilidade lhes será inteiramente atribuída. Deverão, por conseguinte, conservar

«Conforme tem sido difundido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de acções com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina.

Nos seus comunicados as Forças Armadas têm apelado para a não intervenção das forças policiais com o objectivo de se evitar derramamento de sangue. Embora este desejo se mantenha firme, não se hesitará em responder, decidida e implacavelmente, a qualquer oposição que venha a manifestar-se.

Consciente de que interpreta os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá na sua acção libertadora e pede à população que se mantenha cal-

Uma «terceira página» que a censura proibiu

de vez em quando

Tenho feito várias tentativas no sentido de encontrar uma explicação satisfatória para o caminho político que o Peru vem percorrendo desde 1968. A minha curiosidade tem sido alimentada por mão amiga que faz chegar até mim, regularmente, um número considerável de publicações peruanas. Vou lendo e pensando que entendo, mas o certo é que a dúvida não me abandonou ainda por completo. Como foi possível o ressurgimento do pequeno país latino-americano? Como sempre, para compreender o fim há que buscar o princípio. Este, encontro-o agora no primeiro discurso do general Alvarado, ao anunciar ao povo os êxitos iniciais da revolução: «As Forças Armadas, estreitamente unidas com a população civil, em autêntica fraternidade nacional, cumprem uma vez mais o seu dever, iniciando uma etapa de reivindicação de soberania e de dignidade, que ficarão como um legado precioso a nossos filhos. (...) Cómoda e agradável, mas cúmplice, seria uma posição marginal das Forças Armadas frente ao doloroso drama em que viva a Pátria. (...) O pronunciamento institucional iniciou uma revolução que jamais poderá ser detida, dado representar a inquebrantável decisão do almejado binómio Povo-Forças Armadas, a fim de pôr fim à exploração e ignomínia e aos privilégios de uns poucos (...)». São estas as palavras de um general, já então, há mais de cinco anos situado bem longe da estereotipada imagem da bota e talabarte, dos «bretes» e das dragonas. Para mim é difícil entendê-lo, mas o certo é que, presentemente, até a tradicional Cavalaria pôs de lado a espada para poder pisar o acelerador dos modernos carros de combate. Talvez nesta mudança esteja o segredo que, por enquanto, não entendo. Mas cuja revelação fica mais ao meu alcance quando descubro, numa outra leitura, que é possível substituir essa imagem por uma outra. E esta nova imagem reflecte a possibilidade do objecto real se insurgir contra os que se caracterizam pela «intolerância e total incompreensão dos problemas, por uma completa incapacidade, insensatez e cegueira política e administrativa». Longe estamos do Peru, é verdade. Mas o Mundo é cada vez mais pequeno.

V. D.

PONTO CRÍTICO

PORTUGAL, O FUTURO E O MINISTRO

Assediado pelos jornalistas madrilenos, o dr. Silva Pinto, ministro das Corporações, pronunciou-se ontem sobre o livro «Portugal e o futuro», da autoria do general António de Spínola, ex-governador da Guiné e ex-vice-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas. Sobre as teses defendidas pelo prestigioso cabo de guerra — Segundo o matutino «O Século» — disse o ministro:

«Julgo que o livro de que tanto se fala, mas que talvez não seja tão lido como parece, poderá dividir-se em duas partes. A primeira, constituindo um diagnóstico da situação militar e das condições

socio-políticas do Ultramar Português. Em minha opinião, esse diagnóstico não corresponde às grandes realidades militares e político-sociais das populações dos Estados e províncias. Quanto à segunda parte do livro, propõe a adopção de uma eventual solução evolutiva desses territórios e populações, no sentido de uma federação de Estados. Não passa, porém, de uma tese meramente teórica, porventura, suscitadora de discussões e debates, mas de qualquer modo sem o apoio das realidades e tradições histórico-políticas.»

ÁLVARO GUERRA

Não caberiam nos jornais de um mês, sequer nos de um ano inteiro, todos os artigos ou notícias que a Censura, e mais recentemente o Exame Prévio, nos impediu de publicar. O público estava, de um modo geral, informado das limitações que diariamente nos eram impostas. Mas, em boa verdade, era-lhe impossível avaliar com exactidão até que extremos ia a acção dos serviços encarregados de amordaçar a Imprensa, cuja prepotência se fazia sentir, indiscriminadamente, sobre os mais variados assuntos, inclusive naqueles acerca dos quais era totalmente imprevisível a sua actuação. Mas não é a história da Censura, em anos seguidos de nefasta actividade, que aqui pretendemos fazer. Tão-somente reproduzir três trechos cuja publicação ela recentemente proibiu e que, de certo modo, podem estar relacionados com o momento que vivemos. Os referidos trechos, que reproduzimos nesta página, destinavam-se à nossa «Terceira Página». O «Momento» foi escrito no dia 6 do passado mês de Março, o «De vez em quando» no dia 28 do mesmo mês e o «Ponto Crítico» em 2 do corrente. Destes mesmos artigos e da sua proibição foi, em devido tempo, dado conhecimento ao general Spínola, que manifestou posteriormente a sua opinião aos autores, respectivamente, dr. Raul Rego, Vítor Direito e Álvaro Guerra. Comentando a intervenção da Censura, o cartão que o general enviou ao nosso chefe de redacção, é bem expressivo: «Agradece penhorado a fotocópia recebida, a revelar à evidência a triste situação em que se vive». Era essa triste situação que nos impedia de levar até junto dos nossos leitores o fruto do nosso trabalho. Todos entendem as contrariedades que isso nos acarretava. Neste aspecto, esperamos que o verbo acarretar passemos sempre a escrevê-lo no passado.

MOMENTO

A OPÇÃO DO ULTRAMAR

Pela primeira vez no regime que de há 48 anos tomou conta do País e lhe tem traçado o destino se põe uma grande alternativa. Encontrando o seu timoneiro em 1928, o regime identificou-se com um homem cuja continuidade o actual Presidente do Conselho acentuou ser necessária ainda na última campanha eleitoral; ontem voltou a advogar essa continuidade inteira, na altura mesma de pôr à mais alta assembleia do regime, única de sufrágio directo e saída das eleições que estão na mente de todos nós, com as características que têm sido as de quantas funcionaram desde 1933 até hoje, uma grande opção: a do Ultramar, como ele disse «o mais grave problema que presentemente se põe à Nação Portuguesa». Todos nós o sabemos e todos nós o temos presente, partidários ou adversários do regime, todos o sentimos na nossa vida e «na nossa alma», se quisermos usar a linguagem do Presidente do Conselho, ainda quando os nossos lábios ou as nossas vozes o não exprimam. Trata-se, com efeito, para Portugal, de «uma das horas mais graves, senão a mais grave, da sua História, pois nunca as perspectivas se apresentaram tão nebulosas como as que se deparam à geração actual», para usarmos a linguagem do livro, que esteve ontem presente, embora não citado no hemfício da Assembleia Nacional, e de uma das mais destacadas personalidades do regime e onde se aponta nova opção de caminho a seguir, além do que sistematicamente tem sido trilhado desde que em 1930 se formulou o instrumento constitucional que regeira as colónias, províncias ou estados de além-mar. No mesmo livro se põe, pela primeira vez dentro do regime, uma alternativa de continuidade e pode dizer-se que com coragem se apresenta: «O problema da opção sobre o tipo de estrutura política que melhor poderá salvaguardar a unidade portuguesa gravita em torno da comparação entre duas correntes opostas, uma centrífuga e outra centrípeta em relação ao poder central, com vista a encontrar-lhes síntese que constitua solução válida, ou, pelo menos, a mais válida, dentro do respeito pelo princípio fundamental de acelerar o processo de emancipação social e económica do Portugal africano pela via do progresso. Haverá, assim, que tomar posição num quadro de duas teses. De um lado, uma concepção do poder central em termos de predomínio de forças centrípetas, resultante da tese «unitária», materializada na concentração de poderes, na universalidade das leis, na uniformidade orgânica e na centralização administrativa. De outro lado, uma concepção daquele mesmo poder em termos de predomínio das forças centrífugas, resultante de uma tese caracterizadamente federativa, materializada na desconcentração e descentralização de poderes, na especialidade das leis, na pluriformidade orgânica e na individualização efectiva das leis, na pluriformidade orgânica e na individualização efectiva dos governos locais.» E acrescenta-se logo que «na comparação das vantagens e inconvenientes das duas teses em presença, deverá procurar-se um ideário equilibrado que comporte os objectivos nacionais». Poderíamos dizer que a assembleia representativa do regime se encontra hoje, depois

do discurso do Presidente do Conselho, diante de duas teses: a da continuidade integral da política do regime; ou a de uma continuidade do regime com regresso a tendências de autonomia e autodeterminação que apontam para novos rumos. Evidentemente que entre uma e outra todos nós sabemos para qual penderá a votação.

Compreendemos bem que o Presidente do Conselho, posto diante do problema levantado pelo livro do general António de Spínola, «Portugal e o Futuro» tenha sentido em causa o passado recente do nosso País; e compreendemos também que a Assembleia Nacional, intérprete da política seguida desde 1926 até hoje, o tenha acompanhado vibrantemente na pergunta e na resposta que a si mesmo se deu: «Temos estado errados? Não o creio.» E o homem que foi ministro das Colónias de 1944 a 1947, no período nevrálgico do final da maior das guerras e com o despertar de povos e continentes para novos rumos, tomando muitos deles sobre si mesmos a responsabilidade dos seus destinos, não deixa de ser coerente consigo mesmo e com o regime cuja política tem sido concorde na metrópole e no Ultramar, quando acentua: «Uma transigência ou uma abdicação num sítio logo afectaria a força de resistência no conjunto.» Nem podia ser outra a sua resposta, depois de ter dito não acreditar que tenha sido errada a política seguida pelo regime quanto ao Ultramar, e de ter optado pela continuidade do caminho seguido no último meio século, estruturado na Constituição de 1933 e de que faz parte integrante o Acto Colonial de 1930. Evidentemente que o Presidente do Conselho não aceita que «por esta via, apenas caminharíamos para a desintegração do todo nacional pela amputação violenta e sucessiva das suas parcelas, sem que dessas ruínas algo resulte sobre que construir o futuro». Sem aludir ao «precedente bem vivo do porvir que receamos», o Presidente do Conselho afirma peremptório: «Só o Governo Central pode ter a iniciativa — por que tem a responsabilidade — da condução da política ultramarina. Só o Governo, em conjunto com os demais órgãos políticos da soberania — e não quaisquer outras entidades.» Nem deixa de apontar que «a obra realizada nas diversas parcelas do Ultramar português nos últimos vinte anos é imensa»; nem tão-pouco de dizer que «os soldados que guarnecem as províncias do Ultramar nestes últimos anos não estiveram a ver morrer camaradas como justificação para outros morrerem após eles». A continuidade integral de uma política que tem sido a do regime impõe-se aos homens do Governo antes de tudo o mais, nem pode «ser posta em causa a necessidade, a conveniência, a oportunidade, a extensão do esforço de defesa, por razões económicas ou financeiras».

Estamos numa encruzilhada da nossa evolução nacional e o País é de todos que não apenas dos homens do regime. Daí a necessidade de ser indispensável que a resolução seja de todos. Não se trata de palavras, mas sim do nosso destino e preciso é que todos se possam fazer ouvir e ter confiança uns nos outros para se não repetir o precedente bem vivo do futuro que receamos e no silêncio que o envolveu. Mais do que os regimes, sejam eles quais forem, interessa a comunidade, a vontade dos cidadãos elo dessa mesma comunidade.

GRANDOLA, VILA MORENA

JOSÉ
AFONSO



Grândola vila morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti ó cidade

Dentro de ti ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola vila morena

Em cada esquina um amigo
Em cada rosto igualdade
Grândola vila morena
Terra da fraternidade

Terra da fraternidade
Grândola vila morena
Em cada rosto igualdade
O povo é quem mais ordena

À sombra de uma azinheira
Que já não sabia a idade
Jurei ter por companheira
Grândola a tua vontade

Grândola a tua vontade
Jurei ter por companheira
À sombra de uma azinheira
Que já não sabia a idade

Comemorações do 50.º Aniversário do **25 de Abril**



FENPROF
Federação Nacional dos Professores